

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE
JANEIRO
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIEL SANTOS VELASCO

**Primo Levi e suas Obras (Re)Memorando seus
Traumas**

RIO DE JANEIRO

2022



Gabriel Santos Velasco

Primo Levi e suas Obras (Re)Memorando seus Traumas

Monografia apresentada à Graduação em História na PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em História, na área de estudos da História Social e História Contemporânea com ênfase sobre o Holocausto.

Orientador: Maurício Barreto Alvarez
Parada

RIO DE JANEIRO

2022

Agradecimentos

Venho agradecer a todos que me apoiaram durante toda a minha jornada na Graduação de Licenciada em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Agradeço meus pais, pois sem eles eu não teria os alicerces primordiais para chegar até aqui.

Agradeço aos meus professores, desde os que me acompanharam no Ensino Básico até os que me ensinaram no Ensino Superior, pois estes servem de inspiração para o meu futuro que tanto almejo.

Agradeço aos meus familiares, que mesmo não presentes no meu dia-a-dia, dedicaram momentos das suas vidas a me dar força e apoio quando precisei.

Agradeço aos meus colegas de graduação e funcionários do departamento de história, por agregarem a minha vivência na universidade, tanto academicamente quanto socialmente.

Agradeço finalmente a mim, por não desistir de seguir meus sonhos e meus desejos, por batalhar contra minhas ansiedades, por me desafiar a viver e reconhecer meus defeitos, mas principalmente por ter fé no futuro e na vida.

RIO DE JANEIRO

2022

Primo Levi e suas Obras (Re)Memorando seus Traumas

Gabriel Santos Velasco

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir através das obras, *É Isto um Homem?* e *A Trégua*, as memórias apresentadas por Primo Levi sobre o período em que esteve nos campos de concentração e após sua saída destes com descobrimento do Holocausto, por parte das tropas Aliadas, que foi evento derivado do regime nazista alemão da Segunda Guerra Mundial. As obras do autor italiano, relatam em forma de diário testemunhal, a realidade vivida nos momentos em que se encontrou mais desconectado com sua humanidade, mas também repercute momentos posteriores ao acontecido, pela busca dessa humanidade perdida em si mesmo, e também daqueles que compartilharam da mesma experiência e trauma. A discussão traçada traz à tona, principalmente ligado ao fato do Holocausto, a problemática da agência dos indivíduos que se fizeram protagonistas nesse período e a repercussão dessas ações na posteridade. As obras literárias de Primo Levi, *É isto um homem?* e *A Trégua*, tornaram-se fontes diretas para a compreensão de como esse fato foi percebido durante e depois do Holocausto.

Palavras-chave: Holocausto; Memória; Trauma; Judeus.

RIO DE JANEIRO

2022

Primo Levi and his Works (Re)Memorating his Traumas

Gabriel Santos Velasco

Abstract: This present work has the objective to discuss through the works, *If This is a Man?* and *Truce*, the memoirs presented by Primo Levi about the period in which he was in the concentration camps and after his departure from them with the discovery of the Holocaust, by the Allied troops, which was an event derived from the German Nazi regime of the Second World War. The works of the Italian author, report in the form of a testimonial diary, the reality lived in the moments when he found himself more disconnected with his humanity, but also reverberates moments after the event, by the search for that lost humanity in himself, and also of those who shared of the same experience and trauma. The outlined discussion brings up, mainly linked to the fact of the Holocaust, the problem of the agency of individuals who became protagonists in this period and the repercussion of these actions in posterity. The literary works of Primo Levi, *If This is a Man?* and *Truce*, became direct sources for understanding how this fact was perceived during and after the Holocaust.

Palavras-chave: Holocaust; Memory; Trauma; Jews.

RIO DE JANEIRO

2022

Sumário:

1. INTRODUÇÃO	06
2. SOBRE PRIMO LEVI ANTES DAS OBRAS	07
2.1. A infância de Levi	08
2.2. A adolescência de Levi	12
2.3. Levi durante a universidade	22
2.4. Levi entra na vida adulta	35
2.5. Levi na resistência	39
3. SOBRE AS OBRAS DE PRIMO DE LEVI	42
3.1. É isto um homem?	44
3.2. A trégua	51
4. TRAUMA	55
5. MEMÓRIA	58
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7. FONTES	62
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
9. ANEXOS	64

RIO DE JANEIRO

2022

1. Introdução:

A História para a sociedade sempre se fez presente e necessária para a construção das sociedades, em todos os momentos da humanidade, independentemente da existência de registros físicos, sendo passadas por meio de oralidades ou mitologias que identificam a realidade vivenciada com as percepções que os fatos transmitiram. Essas leituras dos fatos, que se traduzem em construções orais ou registros físicos - escritos ou imagéticos - consolidam o conceito de Memória, que fazem parte da construção histórica de indivíduos, grupos ou nações, porém não pode ser considerado como a História de fato, por carregar visões e interpretações que tendem a ser enviesadas, mas que ainda sim devem ser consideradas para um debate historiográfico, por chegar a bater de frente com outras memórias similares em composição e tempo, porém contrárias em suas abordagens visões. Em certos casos, para que essas memórias existam e sigam permeando a história, tendem a surgir por conta de um Trauma que pode afetar desde um simples indivíduo até grupos, que compartilham esse trauma por perspectivas particulares.

Os traumas e memórias, por mais que possam parecer algo similar, não se consolidaram historicamente da mesma maneira, pois o trauma é a experiência vivida que influencia na vida e leitura do indivíduo ou grupos do ocorrido; enquanto a memória é a consolidação do que essa leitura do acontecimento significou para os agentes presentes e como seguirá sendo transmitida para a posteridade, tendo a possibilidade dessa memória poder sofrer alterações com a realidade dos fatos, dependendo de como o trauma é transmitido e registrado, levando em conta contextos políticos, sociais e econômicos, para se dizer o mínimo a ser analisado. Para este trabalho é notória a percepção desses conceitos, que constroem formas de se contar a história, e para o caso deste trabalho o testemunho escrito, como registro histórico, é muito caro e necessário para o debate historiográfico. Primo Levi e suas obras, *É isto um Homem?* e *A Trégua*, apresentam este tipo de registro, que traz a partir das memórias do judeu italiano e sobrevivente dos campos de concentração seus testemunhos, e de certa forma os testemunhos dos outros que passaram pela mesma situação. Levi em suas obras testemunhais, de maneira indireta e quase como forma de homenagem, as vozes e descrições dos que estiveram nos campos como cativos, mas que pelo infortúnio

das ações do regime nazista, não puderam exercer seus direitos de fala sobre os horrores que presenciaram; há ainda os indivíduos que assim como ele sobreviveram, mas que ao enfrentar o trauma, preferiam não proferir suas memórias ao mundo, por serem marcadamente desconfortáveis, e que tiveram em Levi o seu porta-voz, não eleito, mas que se fez presente para mostrar suas memórias sobre o ocorrido entre 1939 e 1945, que acabou por dizimar cerca de 6 milhões de vidas judaicas, além de ciganos, opositores políticos e outros.

Diante dos relatos feitos por Levi em seus livros, percebe-se que os detalhes trazidos por ele são de detalhes que trazem profundidade para a realidade vivida nos campos, que em sua maioria foram conhecidos apenas após o fim da guerra com o avanço das forças Aliadas nos territórios do eixo. As suas memórias, mesmo que escritas apenas por um par de mãos, estava a representar um ocorrido que afetou todo um povo, e também todo o mundo, por nada dessa magnitude havia sido feito em tão pouco tempo e de forma tão brutal. Suas obras agora, assim como aconteceu que ele relata, passam a fazer parte de uma certa memória coletiva, visto que foi um trauma vivido não de maneira exclusiva, mas que também não se prendeu a um nicho histórico, por sua relevância que perpassa gerações, que ainda sim não tendo ligações diretas aos fatos, seja por relatos familiares ou registros próximos, tem noção do que isto representou para a História. Portanto, é cabível o debate sobre a importância de testemunhos como o de Levi, para fomentar mais ainda a Memória do ocorrido, mas sem deixar de entender as escalas do Trauma que o Holocausto representa.

2. Sobre Primo Levi antes das Obras:

Antes de tratar sobre as fontes a serem analisadas neste trabalho, há a necessidade de apresentar e detalhar sobre quem foi o autor destas obras primordiais, *É Isto um Homem?* e *A Trégua*, o qual podemos colocar inúmeras características para ajudar a defini-lo - italiano, judeu, químico, escritor e sobrevivente - porém Primo Levi, para além destas marcas que o destacam socialmente, as marcas que este traz em sua história, indesejadas e que tem de ser reconhecidas, fornecem a nós historiadores material para grande reflexão e debate, principalmente quando se tratam de memória e traumas que se destacaram, não

apenas no autor, em todo um povo e na sociedade afetada pelo genocídio do Holocausto, em qualquer nível que seja.

Essas primeiras marcas da vida de Levi são apresentadas em sua biografia, escrita por Ian Thomson¹, o qual busca nos primeiros nove capítulos - de vinte e nove no total - expor como foi a vida o judeu italiano, antes de ser levado pelos nazistas aos campos de concentração. Saindo desde os primeiros anos de vida dele, passando pela adolescência, sua entrada na universidade, o começo da vida adulta e o momento que fazia parte da resistência antifascista. As marcas acumuladas por ele antes de vivenciar o Holocausto, mostram como ele chegou naquele momento, e também mostram as influências que o fizeram poder construir os registros históricos - *É Isto um Homem?* & *A Trégua* - posteriormente a sua saída dos campos, que retratam a suas memórias e traumas.

Esses caminhos e marcas moldaram Primo Levi, apesar das infelicidades vividas contra o fascismo e sobrevivendo aos Lagers, os deram base para poder sobreviver, tanto na questão física quanto na mental. Mostrando um ímpeto de ação durante toda sua vida, Levi enfrentou as adversidades de ser judeu na Itália Fascista, correndo atrás de suas vontades intelectuais e ideológicas sem medo das consequências, assim como nos campos lutava pela sua vida. Nos seus primeiros 24 anos, inúmeros acontecimentos o levaram às formas de perceber o mundo que se percebem em seus textos.

2.1. A Infância de Levi

O italiano natural de Turim, Primo Levi, nasceu em 1919 numa família de judeus, que conseguia conviver com as ações pré-fascistas de milícias e com o surgimento do partido presentes durante toda sua juventude, os quais ainda não haviam implementado as leis raciais, assim como boa parte das outras famílias italianas. Em sua família Primo, era o irmão mais velho, e sua irmã, Anna Maria Levi, era apenas um ano e meio mais nova, sua mãe Esther Luzzati, quase 30 anos mais nova que seu pai, era dona de casa, e Cesare Levi, seu pai, após a Primeira Grande Guerra, passou a trabalhar como representante de vendas de uma empresa

¹ Ian Thomson, é um autor inglês, tradutor e jornalista, que é reconhecido por escrever a biografia de Primo Levi. Tendo participação em inúmeros jornais e revistas, e ainda leciona na Universidade de East Anglia.

Húngara de maquinários de engenharia; assim era constituído o núcleo da família de Levi, uma família judaica, liberal, letrada e do que poderia ser a classe média de Turim. Já aos seus 3 anos de idade Primo já vivenciou a ascensão dos grupos fascistas ao poder, com o jovem Benito Mussolini e seus companheiros, do Partido e milícias fascistas, em 1922 faziam o cerco e a Marcha sobre Roma, trazendo para a realidade das famílias italianas, não só a presença política dos fascistas, mas também a presença violenta e coercitiva deles, gerando um controle no modo de vida dos italianos do período. Esse regimento violento exercido pelo Fascismo, preocupou o pai de Primo que já presenciou algo similar ao longo do período de guerra, ficando desconfiado do culto extremista de Mussolini, com seu ar de respeitabilidade e atenção.

Na sua infância Primo e sua família, assim como a maioria das famílias italianas - até mesmo as famílias de origem judaica - fizeram parte de alguma forma do processo fascista e suas associações. Primo, enquanto criança por volta da década de 1920, fez parte de um grupo da juventude fascista. Mais tarde ainda, na sua adolescência, ele teria se envolvido com outro grupo da juventude fascista, após o período das suas aulas na escola, fazendo com que a política se tornasse presente em sua vida cotidiana, apesar de seus pais não o encorajarem com as discussões políticas do Estado Fascista, e não estarem completamente interessados, mesmo que possivelmente descontentes com o regime, ainda sim não se mostravam como antifascistas ou algo próximo.

Ao longo dos anos de escola, Primo foi se mostrando um aluno dedicado, observador e inteligente, sendo considerado em algumas aulas como o melhor em sala, como no caso das aulas de Gramática, e nas aulas focadas na ética dos alunos, apresentando ainda grande habilidade manual para com instrumentos mecânicos, que havia tido aprendizado prévio de seu pai. Contudo, ele ainda era uma pessoa amigável e conhecida pela maioria das pessoas, auxiliando os outros alunos e alunas no que precisassem nos estudos. Primo era reconhecido dentro da escola tanto pelo seu desempenho quanto pela atitude, mas ainda sim era reservado e era mais observador que um indivíduo que se expunha a mostrar seu conhecimento com glórias, não buscava chamar as atenções. Percebe mais fortemente tal questão, pois havia uma falta de identificação com os demais ao seu redor, podendo ser um possível desconforto ao perceber quem ele era ali naquele

momento e lugar, ou seja, tomava consciência de seu lugar como um jovem judeu vivendo dentro do Regime Fascista italiano, e com o tempo se mostrando até mais vulnerável.

Durante o Regime Fascista de Mussolini, em todas as escolas do país eram impostas o ensinamentos ligados a instrução estritamente católica, deixando alunos nascidos no meio judeu, como Levi, dessa maneira deslocados e até descaracterizados em si mesmos. Na Região de Turim, no entanto, por conta de falhas na política fascista ligada ao executivo, houveram nas escolas da região ensinamentos da religião judaica ao menos durante uma hora na semana, durante um ano letivo inteiro; Primo e seus colegas judeus, possivelmente, ficaram estranhamente emocionados com as parábolas morais de libertação e sobrevivência. Desde tenra idade, Levi foi inevitavelmente moldado pelo judaísmo e exposto às suas tradições culturais, mesmo que toda sua família estivesse integrada quase por completo na comunidade católica da região, eles faziam certa questão de comemorar as festividades judaicas mais importantes, com o intuito maior de reunir familiares e amigos, e muitas vezes a comida ritual nem era judaica. O tom predominante da família Levi não era de religião tão forte.

Quando atingiu os seus 10 anos de idade, por volta de 1929, Primo passou por um período em que acabou por adoecer por muito tempo, ao ponto de ter liberação da escola e passar a estudar com tutores em casa. Apesar de estar adoecido e mantido em casa, esse momento para ele foi de muito afeto, dele para com sua mãe - o qual já era forte - mas também de aprendizado e reconhecimento de si. Durante esse momento de particularidade, por ainda que em casa poder estudar, criou-se nele um senso de diferença dele para com a realidade, tendo como tutoras uma de suas professoras do primário, Emilia Glauda, que ensinaria matemática e posteriormente juntou-se a ela Marisa Zini, que lecionava Italiano e Latim para o menino acamado. Nesse período era feita a preparação para que o Levi integrasse o ginásio, para meninos de treze a quinze anos, sendo ele capaz. Ele se mostrou apto a integrar o ginásio, pois a partir do ensino que lhe fornecia atenção individual ele conseguiu condensar dois anos de estudo em apenas um, e ainda ajudava sua irmã ao corrigir suas tarefas de Latim, por conta dos ensinamentos de Zini. Ele lia vorazmente durante esse período e saqueou a biblioteca de seu pai, tendo lido desde ficções húngaras até Julio Verne, tendo

alguns textos similares aos ideais dos Camisas Negras, que anos depois se mostraram duvidosos ao gosto de Levi, que foram lidos por ele na época, e apenas alguns textos mais sanguinolentos ou promíscuos para crianças próximas de dez anos eram proibidos à sua leitura e de sua irmã também.

Em setembro de 1930, Primo, já saudável após um ano distante da escola, entrou numa das principais escolas ginasiais de Turim. Academicamente, ele entrou para o colégio um ano antes do necessário e, aos onze, quase dois anos mais novo do que alguns dos outros alunos. O ginásial foi um rude despertar, pois a escola tinha uma alta reputação acadêmica com uma inclinação vagamente liberal e supostamente antifascista. Mas eles haviam de ser silenciados ou expulsos quando Levi chegou ao colégio, e a censura fascista garantia que ele e seus colegas fossem mantidos ignorantes desses intransigentes do movimento antifascistas, tendo ainda espiões que espreitavam os corredores; e havia rumores de que o diretor do período, escutava as aulas usando galochas especialmente acolchoadas, como um ladrão furtivo pronto para delatar os professores. Levi, dentro deste ambiente novo, era um dos mais novos e também um dos mais inteligentes, e com isso alguns meninos passaram a nutrir um sentimento de desprezo por ele, mas este não se prendia apenas a este fato, e sim também por ele ser o único judeu em sala, percebendo que era visto pelos outros alunos como um estranho naquele meio, que cada vez mais se mostrou hostil a sua presença. Mesmo com o ambiente não saudável a convivência dos outros com Primo, havia professores que reconheciam seu potencial acima dos demais e tinham certa preocupação com o menino, porém a vida mostrou seu lado cruel para Levi. O bullying começou a afetar sua saúde e ele estava frequentemente doente com infecções.

Em uma primavera, ele chegou a perder duas semanas inteiras de aulas. Levi começou a acreditar que possuía traços repulsivos, uma aparência raquítica imaginária, e ficava facilmente chateado com comentários sobre sua aparência 'judaica', passando a se esgueirar e se esconder pela escola por notar sua diferença com os outros, e para evitar o assédio dos alunos que o caçoavam por seu status e aparência. Embora Levi sofresse com o bullying de alguns colegas, ele fez um pequeno grupo de amigos com Giorgio Lattes, outro menino judeu, grande e lento, e com Mario Piacenza, um menino alegre e que reconhecia e admirava a

inteligência de seu amigo; Os três formaram um pequeno grupo muito leal, que após aulas encontravam-se nos cafés de Turim, sendo que Piacenza era mais como um amigo em comum de Levi e Lattes, pois era em seu amigo mais lento que Levi sentiu que podia confessar seus fracassos e humilhações secretas.

2.2. A Adolescência de Levi

Quando completou seus treze anos de idade, teve o compromisso de cantar em seu Bar Mitzvah e recepcionar toda sua família para as festividades. A princípio, Levi levou a sério suas obrigações religiosas, orando intermitentemente, professava acreditar em Deus e trabalhava para alcançar uma virtude piedosa. Sua breve conversão religiosa foi motivada principalmente pelo medo e se sentia culpado sempre que quebrava um dos 613 mandamentos sagrados. Na esperança de ganhar uma bicicleta de seus avós, ele jurou usar as faixas rituais de oração, ou Tefilin, nas orações matinais. Uma vez que Levi obteve sua bicicleta, no entanto, ele se tornou indiferente a Deus. E, como seu apego à religião vacilou, então um contra-processo começou: Levi se interessou por ciência. Ele começou a investigar as teorias evolutivas ímpias de Charles Darwin, passando a prestar atenção nos meandros que permeiam a crueldade da natureza, entre a flora e a fauna. Em *A Origem das Espécies* de Darwin, Levi encontrou uma teologia alternativa que não reconhecia nenhum Deus. Aumentando mais ainda sua biblioteca de livros, sendo uma das recomendações de seu pai um guia de astronomia de *Flammarion*², fazendo com que passasse a estudar mais sobre geografia, o céu noturno e sua grandeza. Quando pensava no cosmos, ele se perguntava sobre quem estaria por trás da enorme máquina que constitui o universo, mas se esse ser existisse, ele não seria alguém a quem valeria a pena orar, segundo como Levi declararia anos depois, quando já estivesse completamente certo de seu ateísmo.

Durante esse período de desenvolvimento de Primo e sua família, junto de sua comunidade e país, por consequência, tinha-se na geopolítica da Europa um assombroso crescimento de novas forças e regimes. Na Alemanha,

² Nicolas Camille Flammarion, mais conhecido como Camille Flammarion francês nascido em 1842, foi um astrônomo, pesquisador psíquico e divulgador científico francês. Importante pesquisador e popularizador da astronomia, recebeu notórios prêmios científicos e foi homenageado com a nomenclatura oficial de alguns corpos celestes.

principalmente, o regime Nazista de Hitler se estabelecia no poder do país em janeiro de 1933, nos meses seguintes começavam as perseguições a grupos de minorias - os judeus eram o principal alvo - guetos passavam a serem invadidos e leis antissemitas eram sancionadas pelo regime, retirando da ação política indivíduos que não se encaixavam no arianismo alemão. Para sua família, e muitos outros judeus italianos que eram assimilados ao governo fascista, essa ameaça a sua existência de maneira política não era a maior preocupação, apesar da existência do antissemitismo no cotidiano.

Mussolini tentava ganhar a aprovação de Hitler, permitindo que uma pequena mas insistente campanha anti-semita explodisse na imprensa fascista extremista da Itália, na qual inicialmente, a campanha se desenrolou na forma de um debate fascista sobre os judeus e o sionismo, mas rapidamente assumiu conotações anti-semitas. A campanha não durou muito, enfraquecendo em meados de 1933, mas seus efeitos foram clamorosos e um primeiro passo para a perseguição oficial aos judeus da Itália. Em retrospecto, existiu por muito tempo uma tensão latente entre o Fascismo e os judeus da Itália, pois Mussolini desconfiava daqueles que pareciam cosmopolitas ou que transcendem os limites da nação. Os Sionistas, especialmente, eram vistos como uma seita supranacional voltada para si mesma, inimiga do forte vínculo dos Camisas Negras entre raça e nação. Se algum judeu italiano entendia a ameaça, o mal e a disseminação do nazismo, eles eram acusados de serem sionistas. Apesar do progresso da humanidade ser previsto como um ponto de virada para o possível fim ao antissemitismo, este se mantinha presente no cotidiano da sociedade europeia. Sendo, na verdade, um ponto de virada em 1933 para o aumento progressivo de ações coercitivas e violentas em prol de uma ideologia antissemita e racial, implementada por Hitler, e acompanhada de perto por seus apoiadores diplomáticos e seguidores, moldando o mundo de Levi e sua família de maneira quase inexplicável.

As ações do regime fascista para a construção do novo império romano de Mussolini saíram do campo da ideias e políticos, e atingiam mais firmemente as estruturas das cidades italianas, com a demolição de prédios para a construção de outros mais modernos e também abertura de avenidas, as quais os fascistas exibiam seus símbolos e os camisas-negras marchavam. O regime atingia forças e

proporções que antes não eram vistas, Mussolini passava a ser tratado oficialmente como Duce italiano, e ainda era saudado também como uma certa divindade. Controlou-se também o uso de termos estrangeiros ou não latinos, tanto que Primo e seus amigos deixaram de usar *balsas* (*ferry boat*) para chegar à escola e passaram a usar o *pontone*³, ou seja, essas trocas do padrão de fala ou escrita de certos objetos e ações do cotidiano do italiano eram mudados pelo regime fascista de Mussolini de maneira quase frenética.

Levi, no final de 1933, passou do grupo de jovens fascistas de até 14 anos para o movimento *Avanguardia*⁴, com meninos mais velhos, no qual os líderes desta exigiam disciplina absoluta. Felizmente, ele conseguiu escapar do treino de rifle de fim de semana, pois ingressou na divisão de esqui, a qual todos os sábados, às 5h30 da manhã, um ônibus saía de Turim em direção às montanhas com trinta esquiadores Avanguardisti do sexo masculino a bordo. O esqui oferecia-lhes uma fuga glamurosa, no entanto o esporte também se tornou uma medida de ousadia física e virilidade da alma fascista, reforçando o desprezo pelo sexo feminino exposto nas propagandas e produções visuais. O convívio com o grupo e a prática quase diária do esqui, ajudou a afirmar a masculinidade de Levi para si, visto que nesses momentos ele socializava tanto quanto na escola, e ainda criou novas parcerias, advindas de uma admiração, como o jovem Roberto Perdomi, que além de praticar o esqui também praticava a variação slalom e competia nesta, e por conta de suas habilidades chegou a ensinar de boa vontade o jovem Levi por um momento, mas de maneira rigorosa. Ambos geravam influência sobre o outro, Levi por ser estudioso e Perdomi por sua aptidão atlética.

Mais uma vez na vida de Levi a doença aflorava em seu corpo, tendo ele sofrido com uma possível infecção respiratória que o deixou de cama por duas semanas, porém não só isso aflorava no jovem italiano. No mesmo momento, ele passava a ler de maneira mais veemente romances com tons mais sexuais, enquanto seus colegas de escola eram repreendidos por bisbilhotar as meninas pelas janelas do banheiro ou ficarem tempo demais com as mãos nos bolsos da

³ Pontone, que traduzido literalmente seria grande ponte, mas para o italiano referência as pontes móveis, balsas, que surgiram durante o Império Romano, sob o comando de César.

⁴ Avanguardia Giovanile Fascista foi uma organização juvenil estudantil fascista fundada na década de 1920 pelo Partido Nacional Fascista de Benito Mussolini.

frente. Levi abriu sua sequência de leitura de romances com um autor considerado perigoso de ser lido na época, Alberto Moravia⁵, por tratar não só de histórias em tons sexuais, mas por trazer debates sobre a alienação imposta pelos fascista, geram descontentamento dos partidários do regime. Os seus livros, para além de excitar Primo, fizeram com que ele buscasse autores que tocassem seu cerne natural e social.

No mesmo ano em que os sentimentos e desejos, 1934, amorosos e sexuais, de Levi foram deflagrados, ocorreu dos fascistas e sua polícia deflagrar na fronteira com a Suíça um contrabando de propaganda contra o regime do Duce. Isso desencadeou o descobrimento de uma conspiração com intenção de derrubar o regime, a qual era centralizada em Turim e fortemente judaica, apesar de ser composta pela comunidade judaica na maioria, ela era composta também por católicos e liberais. Os insurgentes descobertos compunham o maior grupo de oposição ao Fascismo, *Giustizia e Libertà*⁶.

A comunidade judaica de Turim sentiu os efeitos dessa ação, fazendo com que houvesse a criação de dois grupos dentro da mesma comunidade; um grupo que eram judeus antifascistas que aprovaram as ações dos insurgentes, e outro que opunham aos insurgentes e seus apoiadores judeus, criaram jornais semanais que apoiavam o regime de Mussolini. Quando Levi prestou prova para outro colégio, o *Liceo Massimo D'Azeglio*⁷, quatro meses após as prisões, as campanhas antissemitas já tinham perdido força, e perdendo entusiasmo na aliança com a Alemanha, junto do grande avanço das tropas alemãs em países de fronteira com a Itália, como a Áustria, podendo desestabilizar essa dinâmica. Mussolini nas relações políticas e militares não assimilava uma imagem furtiva e rasteira, como

⁵ Alberto Moravia, que tinha o pseudônimo de Alberto Pincherle, nascido em Roma, 1907, foi um escritor e jornalista italiano, considerado “persona non grata” pelo regime fascista de Mussolini. Escreveu vários livros que se caracterizavam por uma crítica frontal à sociedade europeia do século XX, tendo em seus escritos recorrentes os temas da sexualidade, existencialismo e alienação do indivíduo, fazendo com que seja obrigado a trabalhar como roteirista cinematográfico sob o uso de seu pseudônimo, por causa das leis raciais.

⁶ *Giustizia e Libertà* foi um movimento de resistência anti-fascista italiano, ativo de 1929 a 1945, forçado a cessar as operações públicas quando as tropas alemãs ocuparam a França em 1940. Com seus membros dispersos, mas em grande parte se reconstituíram como o Partido de Ação Antifascista na Itália ocupada pelos alemães após o Armistício de 1943.

⁷ *Liceo Massimo D'Azeglio* foi um dos colégios históricos de Turim, tendo as suas origens em 1831, passando por inúmeras reformas e mudanças de nome até o nome de Massimo D'Azeglio, um grande político do Risorgimento, compreendendo os cinco anos do curso liceal (fundamental) e os três anos do curso médio.

fez Hitler, na verdade o Duce exibia a virilidade e bruteza nesses momentos. Ele vacilava nessa relação, pois acabava buscando associações com o Reino Unido e a França, às vésperas da guerra, por não acreditar na força da campanha contra os judeus com tanta vontade quanto seu aliado alemão, causando certo alívio na comunidade judaica italiana, até que as deportações começaram, em concomitância com a ocupação da Itália.

No segundo semestre de 1934, Levi e alguns de seus amigos de escola - Giorgio Lattes e Mario Piacenza - encontram-se iniciando mais um período letivo, agora no Liceu. Sua irmã, Anna Maria, encontrava-se ainda no ginásio, mostrava ter grande aptidão para os estudos e aparentava também ter um futuro brilhante. Apesar de Levi ser considerado um prodígio em seus tempos ginasiais, nos corredores do liceu recheados de filhos da burguesia de Turim, ele era só mais um dos prodígios presentes. Não mais ser excepcional, passou a ser um sofrimento ao menino, pois era um dos poucos ali que eram de família do proletariado, isso se caracterizava não só em suas roupas tal como em sua postura e tamanho, quase o colocando como uma criança entre adultos, por mais que ele já fosse mais novo que a maioria.

Essa disparidade de idade e física era um dos maiores motivos da perpetuação dos abusos feitos por outros alunos a Primo Levi em sua infância e adolescência, mas o fator dele ser judeu havia se tornado um grande fator para que isso se perpetuar naquele momento. Ele não era o único judeu alvo, porém, em sua turma havia mais alguns assim como ele, que tinham características físicas marcantes e definidoras desse grupo na época; porém alguns deles se impunham e evitaram a ocorrência dos casos de bullying. Levi era um dos que sofria desse tipo de ocorridos, por ser um garoto recluso, fraco fisicamente e até esnobe por sua inteligência, enquanto os outros meninos de sua turma fossem até dois anos mais velhos, com isso mais fortes e em suas conversas tratavam de falar de esporte e garotas, ao mesmo tempo que Levi, considerava-se feio e incapaz de se impor a falar com uma menina, por conta de sua timidez. O jovem, ainda sim, entendia que os ataques e zombarias advinham de um antissemitismo enraizado ou consolidado pelo momento.

Por conta dessa frustração, Levi manteve-se próximo aos seus amigos, com maior consistência, de modo a frequentar mais ainda suas casas, e na casa de

seu amigo Mario Piacenza foi onde ele encontrou no laboratório de química um caminho a seguir. O laboratório, claramente não era de Primo, e menos ainda de seu amigo, mas sim do irmão mais velho de seu amigo, que já frequentava a faculdade, e nela os olhos de Levi brilhavam como se ele tivesse encontrado o pote de ouro final do arco-íris ou ainda artefatos mágicos que os transformariam em um mago. Nesse momento, o jovem Levi havia de decidir seu futuro como químico. Com isso, além de seus amigos, seu pai passou a incentivar o filho em sua empreitada intimista e reclusa, mas por acreditar na paixão pungente dele, comprou livros e manuais encadernados para estudos em microscópios e um microscópio Zeiss, que eram considerados os melhores possíveis da época. Levi, então, engajou de vez em seus estudos passando a usar sua bicicleta, ganha em seu Bar Mitzvah, em passeios nos bosques de Turim em buscas de animais menores ou partes destes, ou ainda em casa mesmo picava o polegar se sua irmã à procura de glóbulos vermelhos, todos para colocar na lâmina de seu microscópio.

Diferentemente dos estímulos em sua casa ou na de seus amigos, no colégio as “Ciências Naturais” não eram valorizadas como outros estudos, por conta da política estudantil imposta pelo regime, que desvalorizou esses campos de estudo. Além de unirem as disciplinas em uma só - Biologia, Física e Química - bem generalista, o laboratório era bastante precário e subutilizado, se comparado com o usado por Levi e seu amigo Piacenza, que era de seu irmão mais velho. Nas aulas de Humanidades e ensinamentos religiosos, ademais, havia a contestação do evolucionismo de maneira constante, sendo o coordenador desses ensinamentos um padre que acreditava piamente no criacionismo, desacreditando qualquer ligação do homem com a origem animal. Mesmo que Levi se incomodasse com estes fatos, tanto na sua juventude quanto em seu estágio de vida adulta, o *Liceo Massimo D’Azeglio* não era uma referência quando se tratava de um ensino anticientífico. Sua professora de Ciências Naturais, por mais que tivesse seu ensino deficiente, principalmente por conta das restrições impostas pelo regime fascista, percebeu em Levi uma vontade em buscar tais conhecimentos na área e acabou por incentivá-lo. Outras matérias que despertaram interesse, ou até uma aptidão maior, por parte de Levi foram as disciplinas de Gramática e Latim, sendo das poucas em que ele teve mais dedicação naquele ano letivo, flertando de certa maneira com o seu futuro como escritor.

Levi já havia se encontrado no meio da Química, e mesmo que já demonstrasse seu interesse por este, ele ainda não havia formalizado tal vontade para seus pais, visto que tinha outras atividades em seu dia-a-dia, e não fosse tão próximo de seu pai caso comparado com sua mãe. Quando demonstrou sua vontade de seguir na carreira de químico para seu pai, ele teve de comunicá-lo no hospital, pois estava de repouso após passar pela primeira de sete cirurgias para a retirada de um tumor no estômago. Essa tomada de decisão de Primo demonstrou para seu pai um amadurecimento e uma independência adquirida pelo jovem, visto que o regime fascista não valorizava tais aptidões na área das ciências laboratoriais ou naturais. Essa decisão acabou deixando o engenheiro de 57 anos feliz, pois apesar deles serem pai e filho as suas personalidades divergiam, fazendo com que se repelem - como lados de ímãs de pólos iguais - ainda sim ambos tinham interesses em comum, construindo esse apreço e respeito pelas vontades de seguir o caminho das ciências.

A realidade da perseguição antissemita não era totalmente evidente a Levi, por mais que o preconceito transformado em zombarias fosse presente e até constante na vida do jovem, e ainda na sociedade italiana as campanhas de perseguição aos judeus não possuíram força para se tornarem cotidianas. Os casos de prisões de judeus se davam mais por conta da associação deles com grupos opositores ao governo, como o *Giustizia e Libertà*, que eram deflagrados por alguma falha na organização deles ou denúncias feitas por espiões infiltrados nos movimentos. Alguns meses depois do aniversário de dezesseis anos de Primo Levi, as *Leis de Nuremberg*⁸ foram promulgadas na Alemanha, causando uma mudança radical na vida de todos os judeus residentes em território germânico. Na Itália, os judeus não acreditavam na possibilidade de que tais leis fossem impostas no país, tanto que os jornais do país deram mais evidência à invasão das tropas fascistas na Etiópia do que a imposição das leis que cerceiam a liberdade dos judeus alemães, pois acreditava-se que essa duraria bastante tempo e valia ser noticiada com mais veemência.

⁸ As Leis de Nuremberg foram as conhecidas leis antissemitas criadas pelo Partido Nazista em 1935, ampliando a discriminação contra os judeus na sociedade alemã. As Leis de Nuremberg agrupavam três leis conhecidas como: “Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã”, “Lei de Cidadania do Reich” e “Lei da Bandeira do Reich”.

Em outubro de 1935, mais cedo que o esperado, Mussolini e militares de alto cargo voltam do continente africano, e anunciam em alto falantes na praças das cidades italianas a adição dos territórios etíopes para as colônias do país - assim como a Eritreia e a Somalilândia - com o propósito de consolidar e aumentar os territórios para fomentar o novo império na Itália. Poucos cidadãos italianos poderiam perceber a problemática dessas ações que se tornaram sanções feitas pela Liga das Nações⁹, mas principalmente pelo Reino Unido, pois a maioria dos cidadãos italianos foram tomados por um ufanismo quase cego, considerando que as forças italianas eram grandiosas e fortes, mesmo tendo apoio extenso dos Nazistas, que a cada movimento político ou militar dos Fascistas se aproximavam mais ainda. Em ambos os regimes, o Racismo era uma questão presente que regia as ações políticas e sociais dessas sociedades, na conquista da Etiópia as forças italianas no comando do país fizeram uma separação entre brancos e negros, de forma a desconsiderar os negros etíopes como cidadãos daquele território italiano. Qualquer contestação ou reveses acontecidos durante invasão do país da África Oriental, foi considerado não só culpa dos negros presentes, todavia foram culpados os judeus.

A associação do Fascismo italiano com o Nazismo alemão ganhava força nesses movimentos, pois a questão dos judeus para os germânicos era uma das prioridades, no caso dos italianos esta assume tal papel principalmente quando as forças destes regimes passam a se apoiar em suas empreitadas. A empolgação com a invasão italiana na Etiópia, incluiu até os judeus por mais que fossem atacadas pelo regime em alguns momentos, a família Levi foi uma dessas que empolgou-se e que também tiveram suas vidas cotidianas mantidas na normalidade. A influência do Nazismo era tanta no regime de Mussolini, que quando os alemães apoiaram as tropas de Franco na Guerra Civil Espanhola com o pretexto de lutar contra o Comunismo, o qual era uma das pautas do Fascismo, Mussolini fez o mesmo e traçou o destino dos judeus na Itália. Adotou, também, nas escolas uma estrutura de ensino pró-alemã, demonstrando que as políticas

⁹ A Liga das Nações foi a organização, precedente da ONU, criada pelo Tratado de Versalhes, em 1919, com o principal objetivo de servir de espaço para as nações discutirem as questões geopolíticas. Tendo como seus membros primordiais os países: França, Bélgica e Holanda. Posteriormente agregando outros países a organização, como Reino Unido, Alemanha e União Soviética.

preconceituosas dos nazistas estavam entrando nas entranhas e veias da política de Mussolini. Levi, no entanto, não se preocupava com estas questões, que no futuro lhe seriam bastante caras, preocupando-se com o desempenho de atletas italianos nas olimpíadas de Berlim em 1935.

Após anos de estudo no *Liceo Massimo D'Azeglio*, em 1937 ele e seus colegas de turma tinham que prestar as provas finais do colégio, que caso não fossem bem sucedidos não prosseguiram estudando no colégio. Nesses testes e trabalhos finais era necessário, entre dez assuntos estudados, produzir documentos escritos sobre e ainda responder oralmente questões sobre, chegando a causar grande ansiedade nos alunos, que posteriormente não eram lembradas com prazer por Levi e outros alunos. Um perigo maior, porém, havia se apresentado ao jovem Levi em julho de 1937 na forma de uma intimação do Ministério da Guerra Fascista de Roma, obrigando ele e mais um outro jovem, de mesmo sobrenome e sem parentesco, para se apresentarem numa base da marinha em Turim, com o risco de serem presos pela acusação de ignorar o chamado para o serviço militar na Marinha. As chances de Levi precisar se apresentar para o serviço militar era quase certo, o pânico das consequências do crime de deserção que era acusado o fizeram encarar a possibilidade, mesmo sem saber como nadar. Um acordo, no entanto, foi traçado de forma incomum, no qual Levi seria dispensado do serviço caso ao regime fascista se alistasse, nesse caso seria a milícia universitária, contando com a chance dele entrar ou não na universidade, e se tornaria com o tempo um oficial da milícia fascista, o que nunca chegou perto de se tornar. A ansiedade causada pela situação do alistamento à marinha fez com que atrapalhasse o desempenho de Levi nos exames finais do colégio, que ocorreram ao longo da mesma semana do ocorrido da intimação. Levi acabará por ter uma febre que o desconcertou no teste de Italiano. Levi não deixou de fazer o exame, mas acabou entregando quase uma folha em branco, pois ainda estava abalado tanto com o seu ocorrido. No intervalo para os testes de Ciências Naturais, ele buscou acalento nas montanhas da cidade.

No fim do mês de julho, os resultados dos exames haviam sido expostos no quadro de aviso do colégio, na coluna de Italiano ele se encontrava mais abaixo que o normal junto de outros nomes indicados para refazer o exame, ele havia conseguido ficar com uma nota três de dez. Isso era para ele uma tragédia

homérica, visto que durante toda sua infância colocou-se em patamares altos, nos quais tinha expectativas e esperanças em si grandiosas, por ser bem sucedido quando criança e quase ser considerado um prodígio, mesmo que havia apenas falhado gravemente em uma disciplina, que infelizmente o fez refazer todo o conjunto de exames. As “férias de verão” que se seguiram não foram radiantes como esperado - quase sombrias - pois precisava se preparar para refazer os exames e questionava suas habilidades de conseguir as mesmas ou até melhorar as notas conseguidas na primeira vez que lhe foi aplicado os exames. Levi foi treinado em particular em italiano pelo especialista em *Dante*, Umberto Cosmo¹⁰, conhecido em Turim por ser antifascista, tendo plantado uma semente de resistência em Levi, e conseguindo uma nota sete de dez. As outras notas conseguidas por ele não condizem com sua reputação do passado, mas foram estas que o fizeram conseguir o diploma de conclusão dos ensinos, mesmo que alguns meses depois do normal. Sendo o diploma carimbado com um medalhão com o retrato de Dante e datado com o ano XVI da Era Fascista. Levi eram um aluno compreensivo e de bom comportamento em sala de aula, mas sabia que poderia desconsiderar quase em sua totalidade os diversos anos de ensino de latim e grego, e outras disciplinas, assim que encerrou sua passagem pelo colégio, podendo se concentrar e colocar todos seus esforços no que mais fez fora da escola, os laboratórios de Química.

2.3. Levi durante a Universidade

Com 18 anos Primo Levi agora mudava sua preocupação do ambiente escolar para o ambiente universitário, e sua irmã Anna Maria estava seguindo seus passos e entrando em seus últimos anos no colégio. Ele matriculou-se no curso de graduação em química da Universidade de Turim. Nos primeiros meses do curso, que se cumpriram no outono, os calouros precisaram estudar diversos textos teóricos para em seguida cumprir uma prova de admissão no curso, que duraria por volta de quatro anos e incluiria mais de vinte exames de matemática e metalurgia inclusos, isso indo de encontro com a ideia que Levi tinha do curso. O

¹⁰ Umberto Cosmo, foi um escritor e crítico literário italiano, um dos principais estudiosos de Dante e antifascista, lecionou literatura no Liceo Massimo D'Azeglio. Mas anos depois teve que se isolar para escapar do regime fascista e dos bombardeios que atingiam a Itália, para poder continuar seus trabalhos, como *A Última Ascensão: Introdução à leitura do Paraíso*.

Instituto de Química tinha a presença de Levi, todos os dias da semana, às 8h da manhã para estudar e ler os incontáveis livros para o exame de admissão.

Um professor que marcou a passagem de Levi na universidade foi Giacomo Ponzio, professor desde 1915 na universidade coordenando as áreas da química geral e inorgânica do instituto, por conta não só por sua qualidade como professor mais por sua atitude em sala de aula, sarcástico, conservador, pragmático e realista. O professor Ponzio era um senhor de 67 anos quando Levi o conheceu, tinha discursos misóginos evidentes e sentia certo prazer em reprovar alunos que o irritavam com perguntas óbvias. Esses foram alguns dos motivos que fizeram com que Primo se apaixonasse e criasse mais identificação ainda pela Química.

O dia do exame de admissão estava próximo e os calouros se encontravam com os nervos à flor da pele, pois de oitenta que haviam se matriculado no instituto somente vinte deles se encontrariam no mesmo após o exame depois de fevereiro. Levi, por conta do fracasso recente nas provas para concluir os ensinamentos na escola, buscou preparar-se de maneira contundente, marcando presença em praticamente todas as aulas do professor Ponzio, que aplicaria o exame de maneira oral em sua maioria, e lendo de ponta a ponta os livros do professor, os decorando até nos detalhes. O exame foi aplicado em sala, sendo cada aluno convocado, alfabeticamente, a exercer o que era pedido e responder as questões do professor diante de toda a classe. No caso de Primo Levi, conseguiu com certa facilidade responder ao exame e o certificado de frequência, sendo recomendado para os estudos superiores do instituto.

Agora aluno em tempo integral da graduação em química, e orgulhoso de seu feito, cumpriria em 1937-38 seu primeiro ano de curso. Nesse período de estudo crucial para sua carreira, teve de fazer quatro exames para chegar ao segundo ano do curso, e sua rotina era cumprida com diversas aulas dispostas pela manhã e em sequência 5 horas direto no laboratório. Dentro do laboratório da universidade, assim como no que se encontrava na casa de seu amigo de colégio, Levi se apresentava como um aluno atencioso e que se divertia com o aprendizado, pois se aproximava das outras pessoas de maneira amigável, seja homens e mulheres, tornando-se um local de troca social, para além dos estudos.

Nos momentos de descontração, o laboratório se transformava em uma cozinha, onde os alunos e professores confraternizaram no fim de certos dias.

Levi não foi o único de seus amigos a entrar na Universidade de Turim, seu amigo desde o ginásio, Mario Piacenza, também frequentou a universidade e as aulas do professor de química Giacomo Ponzio. Levi e seu amigo ingressaram na universidade inscrevendo-se no grupo fascista universitário, tendo frequentado semelhantes desde a infância, e este tendo uma sede dentro do campus da universidade que funcionava como um clube social, com piscina, jardim e bar para a confraternização e descanso dos alunos após as aulas e provas cansativas, os quais foram muito frequentados pelos jovens amigos no primeiro ano. Por conta da promoção do esporte dentro do grupo, Levi, que era franzino desde criança, perdia parte desta magreza e se mostrava mais saudável, sentindo-se mais incluído e menos inadequado ao espaço que frequentava, principalmente por conta de sua religião. Indo de encontro com os ideias do grupo fascista, porém, os jovens Levi e Piacenza eram leitores ávidos de *A Origem das Espécies* do autor naturalista britânico, Charles Darwin; Esse tipo de leitura era desacreditada pelo regime fascistas, e o fato dela ser feita por jovens como Levi e Piacenza, poderia ser considerada subversiva. Levi em suas leituras percebia uma grandeza sombria que a obra carregava, agindo dentro do intelecto do jovem como um despertar para a compreensão secular da natureza, onde se concebe de maneira racional a ordem dentro do caos, para a química isso era comparável a construção da tabela periódica que unia o caos dos elementos químicos da natureza, segundo Levi.

Os estudos eram o espaço onde Levi tinha uma familiaridade desde pequeno, pois quando criança ou adolescente já estudava a partir de textos e livros de maior dificuldade que os apresentados nas escolas. Isso fez com que fosse diferenciado em algum nível dos outros alunos, tornando-se um dos favoritos do professor Ponzio, seja por seu desempenho nas provas e aulas, ou por seus ideais científicos expressos. No laboratório, Levi era dos poucos alunos que sabiam como soprar e moldar o vidro nos primeiros anos de curso, mostrando uma grande aptidão artesanal, que era acompanhada por sua vontade quase imensurável de encarar os livros durante horas a fio na biblioteca acompanhado apenas de sanduíches, incluindo textos de línguas não totalmente dominantes, como o alemão, pois desde cedo era inspirado por seu pai a ler livros tanto de maior

dificuldade quanto de línguas estrangeiras. Essas atitudes de Primo Levi poderiam denotar uma certa arrogância intelectual dele, que era uma verdade, ainda sim, ele se dispunha a ajudar seus colegas, pois não percebia uma competição com seus colegas.

Durante seu primeiro ano de faculdade Levi cultivou amizades dentro e fora dela, uma delas foi com o alegre e engraçado Alberto Salmoni, um dos poucos judeus que frequentavam as aulas de química. Seu encontro ocorreu numa viagem para esquiar, ao invés de ser em sala de aula, pois o jovem cantava baladas no ônibus de volta para Turim, e sua personalidade se mostrou interessante para Levi, sabendo que sua origem judaica vinha do Oriente Médio, mas exatamente no Egito, e que antes havia residido em Nápoles, tendo um sotaque forte da região. Essa era mais uma das amizades de Levi que eram baseadas em suas diferenças próximas ao extremo, seja na personalidade ou no físico, pois Levi era mais focado nos estudos, pequeno, magro, mais retraído e solitário, enquanto seu amigo Salmoni era extrovertido, alto, forte e confiante, mas distraído com seus estudos; Apesar das grandes diferenças entre os dois, esta foi uma amizade, que apesar dos percalços conhecidos que aconteceram na vida dos judeus como Levi, que durou a vida toda.

O ambiente da universidade, no início de 1938, para Levi era um ambiente que o deixou confortável e feliz por estar ali, percebia que naquele espaço suas ideias e pretensões de futuro eram possibilidades quase palpáveis no cotidiano. Ele e seus colegas aproveitavam o máximo os locais da universidade para confraternizar, no meio desses encontros reuniu-se com outros judeus. Muitos desses judeus eram assimilados, acreditando que o Fascismo os ajudaria tanto quanto qualquer cidadão italiano no momento, porém com a aproximação de Mussolini a Hitler com o decorrer da guerra, inúmeros destes passaram a perceber que o anti-semitismo passava a ser parte da cartilha do Fascismo. As propagandas anti-semitas estavam presente primeiramente em publicações tanto de revistas e jornais, quanto de artigos e textos acadêmicos, abordando a Questão Judaica como um problema da sociedade que havia chegado a Itália, e que estes membros da comunidade judaica deveria compreender seu local no regime e abraçá-lo de modo a não poluir a imagem do regime.

O anti-semitismo, no entanto, não era algo novo no território italiano, assim como em boa parte da Europa, o qual difundia a imagem de que os judeus por serem um povo sem nacionalidade específica poderia causar o fim das sociedades europeias, em suas bases morais e econômicas. No dia 14 de Julho, encomendada por Mussolini e assinada por especialistas na questão das raças que faziam parte do Ministério da Cultura Popular de Roma, é divulgado em todos os jornais italianos O *Manifesto Racial*¹¹, ocupando a primeira página, impressionando judeus e não judeus italianos. Do dia para a noite, porém, a biologia eugênica e anti-semita trazida do nazismo fez com que os judeus sentissem traídos, pois eram leais ao regime e principalmente a nação, tendo que sair de maneira cautelosa e silenciosa das associações do partido fascistas. A família Levi foi uma destas que se desassociou e mostrou-se como judaica aos seus próximos, pois acreditavam que com o manifesto exposto a perseguição cessaria, contudo haviam se enganado. O regime fascista assumia a cada momento uma postura similar ao seu aliado alemão, com a intenção de promover leis para a proteção dos italianos “legítimos”, porém a assimilação da perseguição pela maioria da população não aconteceu ou demorou mais que o esperado para acontecer, alguns a julgavam nojenta e não natural, portanto não seguiam as instruções.

Em meados de 1938, Levi completava seus 19 anos, porém não haviam muitos motivos para alegria, devido a perseguição que aumentava dia-a-dia no país, e seu pai se encontrava em estado terminal por conta do câncer no estômago e intestino. Nas aulas ele já era uma pessoa mais contida, mesmo que sociável, tornou-se mais ainda após a exposição do manifesto sobre as raças, pois com isto houve um reconhecimento, praticamente forçado, dos judeus que estavam presente na vida dos cidadãos, mesmo que diferentemente da Alemanha não recebessem uma estrela amarela para usar em suas roupas. Era mais fácil identificar os apoiadores do fascismo e católicos, dentro da universidade, por

¹¹O Manifesto Racial, foi um manifesto encomendado pelo Fascismo de Mussolini, onde era constatada a descoberta da “raça italiana”. De acordo com a pseudo biologia dos especialistas, os italianos também seriam arianos e que os judeus manchavam o sangue dessa raça ao se colocarem na sociedade italiana, assim como as constatações feitas anos antes nas regiões germânicas sob o regime de Hitler. Esse Manifesto, assim como as Leis de Nuremberg, delimitou as maneiras de viver e agir dos judeus residentes na Itália.

usarem jaquetas pretas de tecido grosso, sofrendo com o calor em dias ensolarados, enquanto judeus usavam roupas leves no cotidiano.

O regime fascista de Mussolini por assumir o antissemitismo em sua política, fez um censo para identificar com certeza os judeus presentes na sociedade, com o intuito de fomentar a consolidação da raça italiana, no entanto o ideal similar ao arianismo alemão, do jovem branco, de olhos claros, cabelo liso em tons claros e esbelto, poderia ser aplicado a pessoas judaicas, mas por sua origem eram desconsiderados. O primeiro efeito deste foi a consolidação de um ambiente cotidiano inundado por desconfiança, de todas as partes da sociedade, por não confiar em seus vizinhos e amigos que poderiam ser delatores, ou nos judeus por acreditar que estes fossem os depravados que derrubariam a sociedade. Momentos após o censo, que definiu os judeus como pessoas com dois pais judeus, mesmo que não seguissem a religião de forma direta, a legislação antisemita passava a entrar em vigor na Itália, proibindo os judeus de frequentar e ingressar em escolas e universidades, Levi sofreu rapidamente com essas medidas e chegou a cogitar a mudança de país para prosseguir com seus estudos, mas conseguiu após o decreto continuar na universidade, na medida em que os professores judeus também eram retirados das instituições de ensino. Judeus nascidos fora da Itália, ainda, que haviam conseguido a cidadania ou residiam no país, por conta de outra determinação legislativa, obrigavam estes a se retirarem do país dentro de seis meses. Os judeus foram proibidos de permanecer em seus trabalhos, até forçados a vender suas propriedades e, principalmente, de se casarem com indivíduos considerados arianos, por conta da determinação dos judeus como uma raça inferior pela pseudo biologia adotada pelo regime.

Essas legislações anti-semitas eram propostas no decorrer do regime, contudo a burocracia do regime poderia atrasar por meses, até anos, a oficialização das leis, assim possibilitando que situações consideradas irregulares ocorressem, por exemplo quando Levi reingressou na universidade após a nova legislação proibir os judeus disto. Dentro da universidade, mas contrariado da sua vontade, frequentava o grupo da milícia fascista da universidade, por conta da intimação de convocação militar que pode ter sido ignorada por ele, como forma de punição. Sua passagem pela milícia foi apagada e rápida que quase não foi notado que este fez parte da milícia. Outro membro da família Levi que sofreria

com a nova legislação, foi Anna Maria, irmã de Primo, que havia de ser expulsa de sua escola durante o outono por ser judia de nascença, também impedindo que ela pudesse ingressar na universidade na época, tendo ingressado apenas após o fim da guerra. Com as novas leis contra os judeus, a reunião destes em suas comunidades passaram a ser muito mais comuns próximas as sinagogas, de modo a consolidarem novas escolas exclusivamente judaicas por conta dos diversos alunos, crianças e adolescente, expulsos por conta de suas origens. Os professores, também expulsos, vindo das escolas e das universidades, traziam para as escolas uma qualidade imprescindível ao corpo docente, fomentando a identidade e o orgulho judaico nas crianças e jovens, incluindo o historiador Arnaldo Momigliano¹². A irmã de Levi aproveitava este espaço para retomar seus estudos, após ser retirada da escola. Diferente dos italianos que assimilaram os judeus ao regime, nomeando-os como “cidadãos italianos da raça judaica”, os alemães em suas ações políticas antissemitas buscavam retirar da sociedade o indivíduo que tivesse o mínimo de parentesco com um judeu. Essas ações eram brutais, pois não davam espaço para uma certa liberdade de agir dos judeus, atacando suas propriedades, simpatizantes e familiares, tendo essa brutalidade exposta com maior força numa noite no começo de novembro de 1938, a qual ficou conhecida como a *Noite dos Cristais*, quando as propriedades, lojas de judeus e sinagogas foram destruídas por apedrejamentos e incêndios criminosos, feitos pela milícia nazista. Os jornais fascistas noticiaram o acontecimento, sem dar muita relevância, porém foi usada como um exemplo para como lidar com a questão judaica, para evitar que estes cheguem a fazer algo com o povo italiano.

A família Levi foi surpreendida pelas novas leis anti-semitas, pois apesar da existência de um preconceito com os judeus, acreditavam que por suas relações estariam isentos das demonstrações de ódio durante o regime e antes disso também. Após a promulgação das leis, a família passou a considerar a possibilidade de se mudarem para fora do país, incluindo não só o núcleo pequeno de Primo, Anna Maria e seus pais, também seus tios, tias, primos e primas, porém

¹² Arnaldo Momigliano, era um historiador com enfoque na história antiga, que por conta das leis raciais, precisou abandonar a Universidade de Turim em 1938. Era considerado um dos mais importantes e influentes historiadores do século XX, cuja contribuição nas áreas da história da historiografia, da história antiga e dos estudos clássicos é amplamente reconhecida. Tendo produzido em seis décadas de atividade acadêmica (1927 até 1987) mais de setecentos artigos e resenhas, formando uma extensa e difundida obra, que inclui trabalhos como *História antiga e o antiquário*.

não conseguiram sendo travados, por buscarem seguir com esse movimento de maneira visível a lei. Os tios de Levi buscaram formas de se mudarem para fora do país com suas famílias, mas falharam em suas empreitadas mesmo subornando oficiais e burocratas fascistas para facilitar seus processos. Muitos outros judeus buscaram caminhos alternativos para escapar da perseguição na Itália, pagando por passaportes arianos falsos ou ainda forjando contratos de trabalho para outros países levando consigo toda sua família. A corrupção estava enraizada no regime fascista, as burocracias fascistas eram facilmente burladas e aceleradas por um valor a mais que fosse pago aos funcionários para criarem falsificações que tirassem judeus e não judeus do território italiano, ou ainda facilitasse a vida de algum indivíduo não judeu por conta de algum documento que demorasse a ser liberado, principalmente no caso de garantir a não associação com judeus ou para se tornar ariano aos olhos da lei. O batismo foi uma medida que passou a ser cogitada por diversos judeus, incluindo o pai de Primo e Anna Maria, mas os filhos deles não acreditavam que este caminho seria o melhor para escapar da barbárie que se desenhava no território italiano; Primo Levi já tomava maior consciência de que ele era judeu, e por causa das leis, menos italiano, o qual era um movimento difícil para judeus mais assimilados, visto que as associações de seus parentes ao partido eram revogadas, perdiam seus empregos, seus empreendimentos e propriedades aos montes, deixando os judeus a parte da sociedade, desenhando uma catástrofe prevista, sentida quase como um terremoto, segundo Levi, que não poderia ser evitada somente poderiam torcer para que poucos sofressem com esta.

O comportamento de confirmação da sua identidade como judeu fez com que Levi se afastasse de seus colegas, mas por vontade desses e não dele, pois já era recluso e só aumentou sua introspecção com as mudanças antissemitas no cotidiano. Levi compreendia o descontentamento que outros judeus tinham com o regime e as leis, porém expressava isto apenas em sua privacidade, podendo ser confundido com alguém indiferente com as ações do regime fascista. Alguns católicos evitaram o contato com seus conhecidos judeus por acreditar ou na impureza deles ou na possibilidade de sofrerem represálias dos fascistas, não obstante outros católicos também não se importaram com essa possibilidade e

muito menos com a ideia de poluição ligada aos judeus, mantendo contato com estes apesar das leis raciais.

A confirmação da identidade judaica dentro da comunidade era bem vista, por denotar um orgulho das origens ligadas ao povo hebreu, que desde a antiguidade havia sido perseguido; No entanto, a confirmação desta para as autoridades a partir de denúncias feitas por outrem ou por seus familiares, era algo vergonhoso a ser presenciado. Todos os familiares de Levi se viam em uma situação de grande desespero, pois a polícia fascista buscavam incessantemente por judeus, questionando as origens de pessoas e profissionais que atendiam judeus, como foi o caso do cirurgião que cuidava da doença de Cesare, pai de Levi, o qual teve a cova de sua mãe inspecionada, para confirmar que este não era de família de judeus. Ocorreu com Cesare, pai de Levi, que precisou levar os documentos dele, de seus filhos, esposa e seus falecidos pais, aos cartórios da cidade para registrar a raça de sua família após uma denúncia feita à polícia fascista.

Na universidade de Levi, seu curso não era composto majoritariamente por professores fascistas, sendo apenas um no quadro de profissionais, enquanto outros cursos tinham seu corpo docente totalmente formado por membros do partido, que ocupavam o lugar de professores judeus demitidos de seus cargos. Estes professores apoiadores do regime, em diversos momentos exerciam sua autoridade e preconceito com os alunos judeus, gerando constrangimento em momentos chave para os alunos, principalmente em provas. Levi e alguns de seus colegas chegaram a considerar a mudança de curso, por conta desses acontecimentos, no caso de Levi a física era uma possibilidade, que poderia abarcar seus desejos intelectuais, ou ainda pensaram na possibilidade de abandonar os estudos, mesmo que as leis anti-semitas já projetaram a expulsão dos judeus dos estudos. Para Levi esse momento era de grande estresse e tristeza, causando um desgaste mental, que era resolvido parcialmente em suas viagens para as montanhas.

No aniversário de 19 anos de Primo, sua irmã o presenteou com equipamentos para escalada, e aos 20 anos planejou usá-los para se provar superior aos que definiram seu povo como inferior, buscando escalar paredões de pedra, ao invés de só fazer caminhadas ao longo das montanhas. Para essa missão

ele havia se unido com seu amigo destemido, que também estudava química, Alessandro Delmastro, dois anos mais velho que Levi, apaixonado pela aventura do montanhismo e escalada, que considerava isso um modo de vida, e era um católico liberal contrário aos preceitos impostos pelos fascistas. Sandro, como era conhecido por Levi, por seus ideais acabou passando por cima da inocência de seu amigo, inculcando nele a percepção do que acontecia no mundo, que estava se movimentando, e as preocupações de Levi ainda não estavam no local certo, pensando no momento que viviam. Com o tempo, os amigos planejaram a expedição para praticar o montanhismo e escalada depois de alguns treinamentos, incluindo também o amigo Alberto Salmoni.

A expedição foi planejada para ser feita numa região montanhosa que ficava a 50 quilômetros da França, que era bastante desafiadora, chamada *Sbarria*. O caminho percorrido por eles foi desgastante a todo momento no paredão, o que fez com que a sensação de chegar ao pico, que ficava muito próximo de uma nação onde os judeus eram livres, fez com que a escalada feita por Levi ganhasse um sentido de liberdade, ou ainda torna-se um alpinismo antifascista, fazendo dele mais resiliente fisicamente e mentalmente. Após o primeiro grande desafio, os amigos seguiram na prática, encarando todo tipo de adversidades encontradas nas suas excursões; em paralelo, o Duce e suas tropas avançavam sobre a Albânia, mas uma vez passando por cima das convenções políticas internacionais, sujando a imagem do país para os outros países europeus e do mundo, menos para os Nazistas da Alemanha, que viriam firmar a aliança com os italianos no *Pacto de Aço*¹³, definindo por uma vez a aliança militar entre as duas nações. Em setembro de 1939, o avanço nazista sobre o território polones começava de maneira contundente, desalojando famílias judaicas, realocando elas em guetos com situações insalubre ou os encaminhando para zonas específicas no interior do país - que mais tarde ficariam conhecidas como Campos de Concentração. Para o Reino Unido e França, este avanço final na Polônia foi o estopim das ações militares dos alemães, declarando de vez a guerra com o país germânico, assim a

¹³ O Pacto de Aço, ou Pacto da Amizade e Aliança entre Alemanha e Itália, colocava em formas primordiais a formação do Eixo, que faltava a inclusão do Japão - que viria no Pacto Tripartite. O pacto era de aliança em caso de ameaças internacionais, de ajuda imediata e suporte militar em caso de guerra. Perpassa ainda no acordo que a decisão de paz havia de ser acordada entre as nações.

Itália, sua aliada direta, posicionou-se ao lado deles, evitando a neutralidade mesmo sem agir militarmente inicialmente.

As notícias do massacre que o avanço nazista exercia dentro do país polaco, chegaram aos jornais italianos sem muita informação completa sobre e também exercendo um posicionamento pró nazistas, visto que a mídia era controlada pelo regime e os nazistas eram aliados deste. Para as famílias judaicas, como a família Levi, as notícias geraram apreensão, contudo a demora e a forma que eram noticiadas quase amenizaram a possibilidade disto ocorrer com os judeus italianos. A Itália, mesmo com as crescentes perseguições e leis antisemitas, com o avanço dos nazistas pelo território europeu, recebeu inúmeros refugiados judeus fugindo desta região; não eram institucionalmente recebidos, porém a população e a comunidade judaica italiana fornecia meios destes serem apoiados no país, alimentando e dando um pouco de dinheiro para sobreviver, pois ainda sim o país era considerado seguro para os judeus, ainda que pudessem ser deportados pela polícia fascista. Assim como judeus de outros países chegavam a Itália, os judeus poloneses compunham esse grupo de refugiados, e eram estes que conseguiram fugir que mantiveram os judeus italianos atualizados com a situação vivida nos guetos poloneses, relatando os ataques, realocações, abusos e deportações que os nazistas faziam com eles durante a invasão.

Medidas precisaram ser tomadas pelos judeus italianos com a decorrência da Segunda Guerra Mundial e o aumento vertiginoso de medidas anti-semitas, alguns passaram a aprender a lutar boxe ou a como pegar em armas de maneira correta, outros buscaram aprender a falar inglês, visto que o grupo dos aliados falava majoritariamente a língua anglo-saxônica, pensando na possibilidade de fuga para os territórios aliados dependendo do caminho que a guerra tomasse, Levi era um dos que se via nessa situação por não ter aprendido a língua na escola. Em suas aulas de inglês ele leu alguns livros na língua inglesa que ajudaram no aprendizado, mas também nos seu entendimento da política, sendo os

textos de *Aldous Huxley*¹⁴, recomendados por sua professora, um dos que mais influenciaram na compreensão de Levi sobre o mundo.

Dois meses após a invasão da Polônia o país estava dominado pelos Nazistas alemães, os judeus se encontravam evadidos ou dentro dos guetos poloneses, além de sofrer repressão, sofriam também com a fome, perdendo dia após dia seus espaços e direitos. Na Itália, como efeito desta, as investigações quanto a presença judaica no regime aumentaram vertiginosamente, pois para seguir o padrão dos alemães era preciso o desligamento de qualquer relação com os judeus, partindo de uma ideia falaciosa de limpar o regime dos que tornavam a nação impura. Isso demonstrava para as pessoas comuns que a guerra deixaria de ser falseada e passaria a acontecer a qualquer momento, trazendo para o cotidiano o ritmo de apreensão e incerteza, que era traduzido nas instruções de se preparar para possíveis ataques aéreos de bombas e afins. Levi preocupava-se com as provas da faculdade no momento que anunciavam essas novas preocupações, mas com o tempo as rotinas mudaram.

As comunidades judaicas, que desde as leis anti-semitas estavam mais reduzidas e unidas, após o começo efetivo da guerra exerciam de vez essa conexão, criando associações esportivas ou grupos de estudo para a comunidade poder se desenvolver e socializar mesmo dentro do regime. Levi se uniu a um grupo de outros jovens judeus que praticavam esqui, montanhismo e escalada, visto que os judeus haviam sido expulsos dos grupos fascistas, neste grupo foi quando ele teve maior contato com o Sionismo, o qual considerava uma ideia justa para os judeus por serem um povo que não tinha uma nacionalidade definida, mas não acreditava ser o ideal, como toda sua família. Numa das viagens para as montanhas do grupo de judeus, Levi encontra com a figura que acaba por mostrar para ele a possibilidade de outros movimentos e partidos que poderiam enfrentar o Fascismo, para além do *Giustizia e Libertà* que perdeu força com o crescimento do regime de Mussolini. Essa Figura foi Eugenio Gentile, judeu nascido em 1916 e arquiteto, apresentou para Levi os grupos Socialistas e Comunistas que

¹⁴ Aldous Huxley, era um escritor inglês, humanista e pacifista, tendo em seu currículo romances, como Admirável Mundo Novo. O autor britânico construiu de maneira precisa, em seus romances, como as tiranias ascenderam e controlavam as massas, mais preciso até que os comandantes de regimes similares da primeira metade do século XX.

confrontavam o regime, causando um entusiasmo grande no jovem de Turim, pois estes tinham uma força grande social e política.

Em meados de 1940, as tropas nazistas avançavam sobre a França e Mussolini, pressionado por Hitler, anunciava nas rádios de toda Itália definitivamente seu apoio militar aos alemães na Guerra, sendo feito antes dos nazistas marcharem por Paris. As terras francesas, até a invasão, eram consideradas como um dos últimos refúgios para judeus na Europa. Com a dominação do país a comoção pelo ocorrido por parte dos judeus foi grande, fazendo com que a família de Levi voltasse antes do final de uma viagem aos alpes piemonteses, para buscar por outros familiares e amigos. Levi só poderia torcer que a declaração de Mussolini de uma guerra rápida fosse verdade, porém não aconteceu.

Os bombardeios, previstos momentos antes pelo regime, não demoraram muito a entrar em vigor por parte dos britânicos, atingindo as ruas e prédios das cidades italianas, mudando o horizonte da cidade. Levi, em seu caminho para a universidade, via casas e prédios desmoronados, famílias desabrigadas nas calçadas, trazendo de vez o medo da guerra à sua realidade. Seu pai estava acamado no hospital, tratando do câncer, e durante os bombardeios ficava sozinho em seu quarto por não ser possível levá-lo para os bunkers antibomba, por conta de seu tamanho e peso. A família Levi durante os bombardeios só podia rezar para que as bombas não atingissem o Hospital de Cesare ou sua casa, enquanto ficavam nos porões comunitários, que eram guardados por fascistas que garantiam que o máximo de pessoas estivessem protegidas dentro do bunker, e ainda denunciasse qualquer declaração anti-fascista feita lá dentro. Durante as calmarias era o principal momento em que Levi e seus colegas deveriam medir suas palavras, pois nesses momentos ele e sua irmã encontravam-se com outros judeus para conversar e distrair as mentes entre um e outro bombardeio. A irmã de Levi chegou a sofrer com um bombardeio em um estúdio de arte onde trabalhava com o artista Roberto Terracini¹⁵, o qual frequentava por praticar a arte de esculpir, e havia se tornado assistente de Terracini, o qual tinha outras três assistentes; uma delas era Lucia Morpurgo, que anos depois viria a se tornar sua cunhada,

¹⁵ Roberto Terracini, foi um escultor italiano de Turim, foi impedido de participar de exposições ou concursos públicos de artes, durante o regime, muito provavelmente por suas obras não estarem de acordo com as percepções dos fascistas.

casando-se com Primo Levi, após sua volta dos campos no leste europeu, em 1946-47.

Levi chegava ao seu quarto e último ano da faculdade de Química em 1940, sendo envolvido em pesquisas e trabalhos acadêmicos desde seu segundo ano; durante uma dessas pesquisas ele encontrou com os trabalhos do químico Paul Walden, tendo chamado a sua atenção o trabalho onde ele revolucionou a visão sobre as moléculas, passando a observá-las tridimensionalmente a partir do uso da teoria da inversão, chegando a tratar das propriedades físicas das moléculas. Tendo escolhido a *Walden Inversion*¹⁶ como base para seu trabalho final, Levi mostrava sua paixão e vontade de se aventurar nos seus estudos fazendo uma escolha incomum para um químico, pois se aproximava muito do limiar entre a química e física. Levi, porém, tinha outro dilema, que era a falta de possibilidades que ele teria de conseguir trabalhar como assistente na universidade, por conta das imposições das leis raciais. Ele acreditou que poderia passar por cima dessa situação por possuir uma certa amizade e admiração com o professor Ponzio, mas ele evitava colocar seus alunos judeus como assistentes com medo das consequências, mesmo que fossem ótimos alunos. Somente depois de bater na porta de alguns possíveis tutores, ele conseguiu o apoio de um deles, Nicollò Dallaporta, era um astrofísico de Trieste, que pouco se importava com a origem de Levi ou qualquer outro aluno. O professor Dallaporta não hesitou em aceitar Levi, que era um aluno excepcional, como um de seus assistentes. Ambos cultivaram uma amizade que duraria toda vida, tendo ainda o antifascismo de Dallaporta como um combustível para sua amizade, a qual começou dentro do laboratório do professor enquanto ouviam no rádio, notícias de Londres ilegalmente.

2.4. Levi entra na Vida Adulta

No início do verão de 1941, Levi entregava todos seus trabalhos finais, incluindo sua pesquisa sobre a *Walden Inversion*, que totalizava três trabalhos

¹⁶Paul Walden era um químico russo, nacionalizado alemão, que formulou a Inversão de Walden, que é quando ocorre a inversão do centro quiral de uma molécula numa reação química, com isso convertendo a sua configuração de uma forma enantiomérica para outra, sendo assim neste mecanismo, uma ligação é quebrada e uma ligação é formada de forma síncrona, sem intermediário químico, em uma única etapa. Essa inversão ainda pode ser conhecida como “Reação SN2”.

finais. Esses trabalhos foram admirados pelos professores do instituto de química, que convocaram Levi para palestrar sobre diretamente para eles. Após a palestra apresentando os trabalhos, diferente do esperado, não diminuíram ou colocaram seu conhecimento em questionamento, perguntando a ele apenas sobre os aspectos das pesquisas e também o parabenizando por seus trabalhos. Levi se saiu tão bem na faculdade que ao final da palestra ele foi premiado com honras. Levi era um *dottore*, garantindo o fim de sua graduação, porém ele não possuía perspectiva de receber uma bolsa ou ter qualquer oportunidade de emprego, tendo seu diploma marcado com o carimbo mostrando que era judeu.

A situação se complicou no caso de Levi, pois o câncer que acometia seu pai havia se alastrado do estômago e intestinos para o seu fígado, acabando por colocar no hospital mais uma vez o principal garantidor de renda para a casa Levi. A empresa que Cesare trabalhou, por um certo tempo, cedeu à família uma certa pensão para ajudar a manter a família e o tratamento do pai da família, porém uma hora não seria mais possível sustentar a casa somente com esta, mesmo depois que Cesare Levi falecesse. Primo buscou com diversos amigos qualquer trabalho que fosse, mas não era contratado. Quando Levi não estava em busca de empregos, passava seus dias na enfermaria de casa, ao lado de seu pai acamado pela doença, vivendo uma agonia de não conseguir evitar a morte de seu pai e de também não conseguir prover para sua casa e família por conta das leis anti-semitas e do preconceito cotidiano na Itália.

Em junho de 1941 a guerra começava a tomar novos moldes, a Alemanha Nazista começou seu avanço nos territórios da União Soviética. Os fascistas italianos pouco depois se juntaram com cerca de 230000 soldados, que chegaram por diversas frentes; alguns desses convocados eram amigos diretos de Levi, que por ser judeu não pode se alistar, um deles era o companheiro de escaladas Sandro Delmastro, convocado pela marinha. Mesmo abençoados pelo Papa, os soldados italianos sofreram e viram os horrores da guerra em terras soviéticas, seja o frio que chegava a matar alguns soldados de hipotermia, ou ainda as atrocidades que os soldados e oficiais nazistas com judeus capturados ao longo dos avanços.

Enquanto isso na Itália, os judeus estrangeiros eram presos, antes de garantir suas deportações, muitos deles poderiam ser vistos na universidade, acabando em prisões junto de criminosos - ladrões e assassinos - e alguns desses

foram levados para prisões no sul ou na região central da Itália, mas outros tiveram seus destinos incertos, o que pode ser entendido como execução ou ainda os campos de concentração na Polônia. Da mesma forma, o consulado alemão na Itália se movimentava fazendo propagandas anti-semitas, promovendo a exibição de filmes anti-semitas em seu prédio, ou também apoiando certos atentados a sinagogas, segundo Levi, que se ofereceu para ficar de guarda na sinagoga para evitar futuros ataques, os cartazes e ataques não eram reconhecidos pelos fascistas italianos, em sua maioria, mostrando a ligação destes com o consulado do país nazista.

Depois de alguns meses sem trabalho, Levi conseguiu uma vaga de emprego como químico para ajudar na retirada de níquel numa mina nos entornos da cidade, pois o químico que ocupava a vaga precisou sair para trabalhar desarmando bombas que caíam e não explodiram durante os bombardeios. O trabalho de Levi era feito de maneira ilegal, usando um sobrenome não judeu falso.. Durante seu período de trabalho na mina, as notícias do ataque da força aérea japonesa a Pearl Harbor chegavam aos seus ouvidos, mostrando que agora o confronto que se concentrava em terras europeias passava a tomar o resto do mundo, mudando o paradigma da guerra. Os trabalhos nas minas eram bastante requisitados, pois sua alternativa a isso era, em sua maioria, entrar para o exército e ir para o front oriental, enfrentar o frio colossal e os soldados soviéticos. Levi estava presente na mina semanalmente, hospedava-se nas imediações das minas, e em suas semanas de folga não perdia tempo para voltar a Turim. A comunidade mineira aceitou Levi tranquilamente, desconsiderando o fato dele ser judeu, a maioria que ali trabalhava parecia não ter muito apreço pelo regime fascista.

Em uma segunda-feira chuvosa de março de 1942, Levi recebe a notícia de que seu pai estava morrendo na enfermaria de sua casa. Primo Levi assim que soube correu para Turim, mas a velocidade do trem que havia pego não ajudava com sua ansiedade e nervosismo, pois queria poder encontrar com seu pai antes que desse seu último suspiro. Ao chegar em sua casa encontrou sua mãe e irmã, que já sofriam com a morte de Cesare. Cesare morria aos 63 anos de idade, e ainda que os jornais italianos não prestassem mais solenidades a judeus em notas de falecimentos, ele foi um dos poucos que conseguiu esse feito. Levi, acreditava anos depois que para seu pai foi melhor ter falecido antes que a Itália fosse

ocupada pelos alemães, pois provavelmente não suportaria este. O papel de chefe da família passava para as mãos de Levi, ele ocuparia o local do pai amoroso e compreensivo que o influenciou a buscar o próprio desenvolvimento intelectual, tendo a responsabilidade de cuidar de sua mãe e irmã, em uma Europa e Itália anti-semitas.

Algumas semanas mais tarde saiu um decreto dos fascistas definindo que os judeus agora eram obrigados a exercer trabalhos forçados nas cidades italianas, mais uma vez aproximando as medidas sociais aos similares alemães. Os judeus faziam trabalhos braçais ou de reconstrução das ruas italianas, limpando calçadas, limpando os escombros dos bombardeios e pintando muros e ruas. Não eram todos os judeus que eram convocados para o trabalho, mas Levi, mesmo estando empregado nas minas, foi convocado ao trabalho forçado nos fins de semana, ajudando em obras rodoviárias pela cidade, assim como sua irmã e outros de seus amigos judeus. Após cinco meses de trabalho nas minas, Levi notava o deterioramento da cidade de Turim, que a cada dia de bombardeio e coerção fascista tornou-se mais impraticável de se viver. Levi ficou sabendo por uma colega da faculdade de uma vaga de emprego em uma empresa suíça com laboratórios em Milão, e que pagava um salário substancialmente melhor que o do trabalho nas minas; a cidade de Milão ainda era uma das cidades que menos aderiu às medidas anti-semitas, principalmente o trabalho forçado, sendo uma cidade cosmopolita comparada às outras. Levi foi admitido ao trabalho usando um pseudônimo não judeu, para evitar desconfortos com o regime fascista. A cidade de Milão, diferentemente de Turim, estava mais bem abastecida em alimentos, mesmo que vendidos pelo mercado alternativo, fornecendo mais chances de uma alimentação diversificada para Levi; a cidade ainda fornecia uma noite artística grandiosa e animada, na qual seus teatros abraçavam diversos espetáculos musicais e peças consideradas subversivas pelo regime fascista, sendo exibidos de maneira ilegal, algo praticamente impraticável em Turim, por ter um controle mais rígido e atento por parte dos policiais fascistas. As noites de Milão, também eram marcadas por bombardeios e em sequência sirenes e gritos de socorro, que aumentavam a cada dia, assim como a quantidade de desabrigados carregando o que lhes restava por toda a cidade buscando abrigo para o próximo bombardeio;

isso acabava consolidando o descontentamento com o regime, alimentando fortemente o antifascismo em Levi junto de seus amigos de Milão.

Os bombardeios em Turim também eram crescentes, fazendo com que Levi precise voltar para cuidar de sua mãe e sua avó, que se encontravam em um refúgio nas montanhas para se proteger dos bombardeios, longe de sua residência. Nesse abrigo distante da cidade, Levi pode observar do alto e distante, o “show” pirotécnico da frota da força aérea britânica, que bombardeava a cidade com bombas incendiárias que ganhavam força com os ventos que expandiram as labaredas que atingiam as edificações da cidade. A falta de poder do Duce, acabava por gerar mais descontentamento com o Fascismo, tendo algumas pessoas buscado na Monarquia uma resposta para assumir o poder, visto que o número de baixas e notícias ruins no país cresciam no cotidiano italiano, e ainda dezenas de milhares de italianos fugiam do país, para evitar os bombardeios, em pouco mais de uma semana, mostrando o quão afundado no caos estava a Itália.

2.5. Levi na Resistência

Em fevereiro de 1943 Stalingrado era retomada pelo Exército Vermelho, os nazistas perdiam forças após a perda da capital soviética, assim como as tropas italianas que perderam tantos soldados na retirada durante o gélido inverno soviético quanto durante as batalhas militares; deixando as cidades italianas esvaziadas dos membros do sexo masculino, portanto inóspitas durante boa parte dos momentos de guerra. Duce a cada dia também perdia força dentro do próprio país, particularmente no norte italiano, onde Levi residia, a instabilidade era palpável, traduzindo-se em inúmeras reações populares como greves em indústrias, marcando o começo da queda do líder fascista. Os círculos de amigos de Levi estavam cada vez mais próximos dos ideais socialistas, porém para ele as palestras e propagandas políticas eram maçantes e desnecessárias, ele buscava entrar na ação. Ele se encontrou quando descobriu o Partido de Ação Antifascista¹⁷. O partido de Ação, nas suas ações infiltraram-se nas indústrias para

¹⁷ Foi um partido fundado em julho de 1942 por ex-militantes socialistas liberais do Giustizia e Libertà, que ideologicamente eram herdeiros do socialismo liberal. Eles visavam superar a luta de classes a partir da sua visão do socialismo, no qual houvesse o respeito pela liberdade civil e ao mesmo tempo provocasse uma mudança radical, tanto social como na estrutura econômica da Itália, tornando-se um dos maiores movimentos de resistência o Fascismo conhecido.

propagar os ideais antifascistas e ouvir as queixas dos trabalhadores, e com isso logo mais se encaminharam para a futura luta da resistência armada, que se concentrou nas montanhas do Piemonte, pois era uma ato de grande perigo de se fazer durante o regime.

Notícias dos horrores do gueto de Varsóvia, normalmente, eram censuradas ou amenizadas pelos noticiários de rádio e jornais italianos, pretendendo evitar manchar as ações dos aliados dos fascistas, mas jornais socialistas e dos aliados, noticiaram os acontecidos e as situações das pessoas presentes no gueto. O acesso a essas notícias, entretanto, eram difíceis de serem adquiridas de maneira convencional, tendo que se envolver no contrabando de jornais ou ainda usar rádios de maior alcance para poder ter esse acesso. O Holocausto e, posteriormente, a Solução Final, já estavam em curso nas terras polonesas.

Por volta de julho de 1943, tropas aliadas dos britânicos e estadunidenses chegaram ao litoral da Itália, na região da Sicília, fazendo também uma sequência de bombardeios por parte dos aviões estadunidenses nos céus de Turim e Roma, pela primeira vez na guerra. Mussolini agora não tinha mais poder dentro da Itália, era o homem mais odiado do país. Na noite de 25 de julho de 1943, o rei Victor Emanuel III, que havia colocado Mussolini do poder, decretava o líder dos fascistas como deposto, colocando no poder o Marechal Badoglio, que não representava um governo fascista. Na manhã seguinte as ruas da Itália eram tomadas por multidões esbravejando palavras de tom antifascista ou ainda deixando claro seus desejos de morte aos membros maiores do Fascismo, principalmente Mussolini; os fascistas, durante a mesma manhã, escondiam e destruíam os vestígios de suas associações, queimando as camisas negras características e também as insígnias fascistas. Levi acreditava que a dominação da Itália por parte dos Aliados - Reino Unido, EUA, França e URSS - mesmo que feita a partir da destruição do país, eram necessários para fazer com que a nação pudesse voltar a um patamar considerado normal de sociedade, principalmente após rumores que surgiram sobre o fim do envolvimento da Itália na guerra que poderia se aliar ao grupo dos Aliados. Os rumores, porém, não se confirmaram rapidamente, por conta da pressão vinda diretamente de Berlim.

Mais tarde, o armistício era assinado com os Aliados, que acionaram tropas para ocupar e retomar o país ao controle, porém as tropas nazistas já ao

norte se mantiveram posicionadas com mais velocidade e força na região; enquanto no sul italiano, as tropas Aliadas se encontravam no controle das cidades, e dando certo fim aos bombardeios, sendo assim separando a Itália nos momentos finais de guerra. Essa separação confusa da Itália, fez com que inúmeros moradores do norte evadissem de suas casas para as cidades do sul ou ainda para países de fronteira, como a Suíça. Houveram ainda os italianos mais engajados politicamente, que se preparavam para a luta armada contra as tropas nazistas que ocupavam o território. Levi foi um desses que se juntou a luta armada do partido de Ação, e assim como a maioria que se juntava, não tinha menor ideia de como portar e atirar com uma arma, porém a vontade de garantir a liberdade e a paz do país, sobressai a perspectiva de ser um pacifista e de não agir para tal. Além disso, Levi estava preocupado em garantir que sua mãe e irmã ficassem em segurança durante a ocupação das tropas, buscando possível saída da Itália para a Suíça ou buscando abrigo nas regiões montanhosas.

O exército italiano já era praticamente inexistente, quando o norte se via ocupado, e a cada momento após o armistício aumentavam os números de judeus encontrados pelas tropas nazistas e levados aos campos de concentração. As tropas nazistas, em suas ações durante a ocupação, passaram a promover novamente as milícias a agir contra os traidores da pátria italiana, impondo também um novo toque de recolher, para evitar as movimentações das tropas de resistência italianas. A perseguição aos judeus cresceu vertiginosamente na ocupação, tendo como principal fator para aumentar isso, as recompensas postas pelos nazistas aos judeus denunciados, que ainda poderiam evitar estas denúncias caso o pagamento por parte dos judeus fossem maior que o proposto pelos nazistas, visto que os italianos estavam em crise, sofrendo com a fome e falta de recursos gerais, que poderiam ser garantidos com este dinheiro das delações. Em 13 de setembro de 1943, paraquedistas alemães, acabaram por retirar Mussolini de sua prisão, com a intenção de estabelecer um novo regime nazi-fascistas na Itália, porém respondendo às ordens diretas do Führer, e não mais tendo uma autonomia de governo como quando assumiu o poder na década de 1920.

Levi, apesar de ser parte da resistência, passava mais tempo lutando por sua sobrevivência do que lutando contra os nazi-fascistas da região, sabotando pontes, invadindo armazéns com armas ou ainda fazendo reconhecimento das

localizações de tropas nazi-fascistas. Depois de um certo tempo, Anna Maria Levi deixaria a resistência nas montanhas para se juntar à resistência de Turim, demonstrando que a força moral da resistência montanhesa estava decaindo a cada momento. Além disso, a Solução Final passava a ser sancionada, a sua maneira, por Mussolini no início de dezembro de 1943, seguindo como fantoche de Hitler. Para Levi sua maior preocupação estava nas condições que sua mãe estaria, caso fosse pega pelos nazi-fascistas junto do grupo de resistência sem uma identidade falsa para poder escapar da deportação. Anna Maria, a irmã de Levi, estava mais decidida que Primo em suas ações, com isso ela escondia sua mãe em Turim, a contragosto das vontades do irmão que era muito apegado com sua mãe, fazendo um movimento contrário a maioria dos judeus que buscavam refúgio nas montanhas; ficaríamos sabendo mais tarde que esta decisão da irmã de Primo Levi foi acertada, pois caso sua mãe permanecesse nas montanhas era seria claramente deportada junto de seu filho Primo Levi.

No amanhecer de 13 de dezembro de 1943, um grupo de fascistas chegava e cercava a resistência nas montanhas em que Levi e seus companheiros se escondiam, marchando montanha acima com mais de 200 soldados armados e prontos para deflagrar o grupo insurgente. Os nazi-fascistas ficavam informados das localizações das resistências a partir de alguns espiões infiltrados, que apoiavam as ações fascistas garantindo as informações e que os judeus e líderes do movimento fossem reconhecidos, com isso deportados sem qualquer chance de escape. Levi, aos 24 anos, mesmo com a falsificação de sua identificação, não teve a sorte de escapar da deportação para os campos. Esse momento acabaria por ser emblemático na sua vida, por vivenciar um dos ocorridos mais enigmáticos da história da humanidade, e que anos depois se tornaram relatos muito reconhecidos e difundidos - *É Isto um Homem? & A Trégua*.

3 - Sobre as Obras de Primo Levi:

*Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação.*¹⁸ (p.5, LEVI, 1947)

¹⁸ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1947. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.

O Holocausto e a sua história, aparenta ser compreendida por praticamente toda a sociedade como de notório saber, ou seja, sabida por todos mesmo que de maneira geral ou simplista, de modo a ser um fato marcante da história e praticamente incontestável para historiadores ou não. Percebe-se, porém, a existência de citações como esta apresentada no início deste capítulo, a qual foi escrita por Primo Levi no prefácio de seu livro *É isto um homem?*, o qual retrata sobre a visão desse italiano, judeu, químico e sobrevivente dos Campos de Concentração, como se deram os momentos em que este buscou viver, ou ainda tentou se manter como um humano, dentro de um Campo de trabalho adjacente a Auschwitz desde janeiro de 1944 até janeiro de 1945, tendo sido capturado no último mês de 1943 por Milícias Fascistas nas montanhas da Itália, por fazer parte de um movimento libertário e sendo deportado logo após para os Campos.

Essa citação feita por P. Levi torna-se mais emblemática para sua obra e, principalmente, para a temática sobre o qual é escrito, pois este foi escrito após sua saída do Campo e retorno para Turim, seu lar, entre 1945 e 1946, ou seja, pouco mais de um ano para concluir a escrita de seu livro; Tendo outra obra, que compartilha o tema e por ser como uma sequência, *A Trégua*, a qual foi publicada também posteriormente, mais precisamente em 1963, mas possivelmente escrita junta ou antes que *É Isto um Homem?*, traz a continuidade dos fins do tempo de concentração e o retorno de Levi e outros sobreviventes a seus lares numa viagem de trem interminável, contada cronologicamente. Pelo que se apresenta na citação no início do capítulo, e no prefácio da primeira obra de Levi como um todo, o autor dá a entender que naquele momento haviam questionamentos das razões da existência dos Campos de Concentração e Trabalho forçado, implementados durante o Regime Nazista, e por consequência sobre os relatos de sobreviventes de tal acontecimento, como é o caso do autor. É elucidado ainda pelo autor, de que seu texto não pretende detalhar mais ainda sobre os horrores dos Campos, os quais provavelmente já eram sabidos e de certo modo foram denunciados e expostos para o mundo no Tribunal de Nuremberg em 1945 ainda; P. Levi pretende com seu livro/diário fornecer aos estudos futuros, como este, documentos e conteúdo

para o que ele entendeu como o principal a ser estudado, os quais são *certos aspectos da alma humana*.¹⁹ (p.5 LEVI, 1947)

3.1. É isto um Homem?

Os aspectos trazidos pelo autor, inicialmente não são exatamente esclarecidos, porém ele os adjetiva de inúmeras formas. No decorrer de todo o texto, fazendo com que possam ter diversos desses a serem trazidos à tona; apesar dessa oportunidade, é melhor se ater a duas partes ou ainda dois lados desses aspectos da humanidade, de modo a simplificar, mas sem reduzir sua relevância para a compreensão. Essas duas partes são primeiro a dos Nazistas, Fascistas e SS, e segundo a dos *Häftlinge*, *Musselmen* e escravizados do campo, sendo as partes completamente opostas, e no momento hierarquizadas ao limite. Os aspectos que se apresentam na primeira parte podem ser entendidos como ligados a brutalidade, poder e controle, consistindo em não só a ação desses para com a guerra, mas sendo ainda para o regime estabelecido dentro dos Campos para com os seus habitantes. Quando se trata da segunda parte, os aspectos que são postos pelo autor, não de maneira exata ou direta, são a infelicidade, morbidez, miseráveis e desesperança, pois os opostos dessas adjetivações expostas são categoricamente retirados de cada um assim que são levados e colocados dentro dos Campos.

Cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irrealizável; poucos, porém, atentam para a reflexão oposta: que também é irrealizável a infelicidade completa. Os motivos que se opõem à realização de ambos os estado-limite são da mesma natureza; eles vêm de nossa condição humana, que é contra qualquer 'infinito'. (...).

Foram justamente as privações, as pancadas, o frio, a sede, que durante a viagem e depois dela, nos impediram de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas

¹⁹ Essa pequena passagem, também do prefácio, trazida pelo autor evoca sua real intenção com seu livro, demonstrar o que o humano pode fazer com seu igual a partir de um planejamento e uma organização específica de abuso e desvalorização ao seu máximo. (LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1947. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.)

*exemplares comuns da espécie humana.*²⁰ (p.9, LEVI, 1947)

Esses aspectos alma humana são criados, ou ainda destruídos, no primeiro momento em que a certeza de que uma mudança de vida brusca vai acontecer, e o momento que Primo Levi e tantos outros que passaram pelos Campos de Concentração sentiram, mas sentiram o máximo desta sensação, quase que seu limite. Esse ponto de virada que foi único no século XX, porém em muitos outros momentos da história ele pode ser sentido em outras formas, porém não cabe entrar nestes agora, pois são acontecimentos de outros pontos da história com outros contextos, mas o que cabe falar é que os fins aparentam similaridades por acabarem explorando e até eliminando um grupo étnico quase majoritariamente.

No entanto, o Holocausto é único por conta da ação sistemática tanto de busca e captura, quanto de extermínio, pois o processo para alcançar esse limite veio diretamente do sistema político, por meios legais e institucionais, que viabilizaram a desumanização de certos grupos minoritários, partindo desde a eleição de Hitler em 1932 e a tomada do poder no ano seguinte. A implementação de leis antissemitas e xenofóbicas encaminham o processo de exclusão de cidadãos de maneira sistemática em um projeto de controle de poder imensurável, chegando ao ponto de atingir o limite da crueldade com um ser humano fazendo com que se desligassem de sua própria humanidade e realidade por força de terceiros, sendo uma particularidade do regime Nazista alemão, pois ultrapassa qualquer limite da ação violenta que era implementada em outros regimes Fascistas, como na Itália Fascista de Mussolini ou na Espanha Fascista de Franco, as quais imprimiam processos violentos para ascensão política e controle social, mas em um limiar que se continha em si próprio e não desumanizava outros, como foi no caso Holocausto.

A perda de liberdade se torna muito evidente em variados momentos durante o processo de chegada ao Campo de Concentração, como relata Primo Levi no seu diário que veio a se tornar este livro, é o momento em que eles

²⁰ Esse trecho do capítulo *A Viagem*, do livro de Primo Levi, evidencia as sensações de saber que seu destino eram os Campos, mesmo que este tenha sido escrito, posto em palavras escritas, apenas na posteridade da vida nos Campos. (LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1947. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.)

passam pelo portal de Auschwitz que forma um arco escrito *ARBEIT MACHT FREI* - O TRABALHO LIBERTA - é consideravelmente um dos momentos mais significativo por sabermos que essa liberdade não pode ser alcançada dessa maneira, muitas vezes a liberdade mais real dentro do campo seria a própria morte e não a partir do trabalho. Outro momento, consideravelmente, agonizante é quando eles são postos em uma sala sem calefação durante um inverno rigoroso, após horas de espera em uma viagem de trem sem qualquer chance de se alimentar e todas as pessoas amontoadas sem chance de fazer movimento, ou ainda respirar direito. Isto se torna, de maneira concretizada, no inferno.

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa, gota a gota. (p.13, LEVI, 1947)

O limiar entre a vida e a morte para os judeus, criminosos, negros, prisioneiros políticos ou de guerra, perdeu-se totalmente, não por suas ações, mas por decisão e ação de terceiros, nesse caso estes são os Nazistas alemães, que com seu projeto de dominação e progresso da Alemanha ariana definiram o que era aceitável ou não, quem merecia viver ou não, quem era um cidadão ou não. Primo Levi mostra que isto parece ser atos episódicos que são desprendidos da realidade, quase impossíveis de se conceber que se está sendo perseguido, aprisionado, tirado de seu lar, tirado de suas posses, e posto para trabalhar em prol de quem o define e não os trata como ser humano. Ele ainda chega a dizer que esta situação se compara ao Inferno de Dante, mais especificamente a Maldição de Caronte²¹ aos danados que vão de balsa ao inferno, ou ainda *parece-nos assistir a alguma peça maluca, dessas onde as bruxas, o Espírito Santo e o Diabo aparecem no*

²¹ Maldição de Caronte citação do inferno de Dante, conto 3(3.1 **O Portal do Inferno**: não tem portas ou cadeados mas somente um aviso sobre a entrada que adverte: uma vez dentro, deve-se abandonar toda a esperança de rever o céu pois de lá não se pode voltar.)

palco.²² (p.14, LEVI, 1947). Se o sofrimento e a morte não parecem iminentes, sente-se como um morto à espera de ser levado ao céu ou ao inferno, mas a situação era totalmente mais similar à possibilidade de um inferno, independente de religiosidade.

A partir do momento que eles entram nesse limiar e se perdem dentro dele, suas vidas já não são mais deles, muito menos seus pertences que são retirados pelos SS e são entregues roupas esfarrapadas, e ainda são renomeados com seus números de matrícula, como se fossem apenas uma engrenagem mínima de uma grandiosa máquina, sendo burocraticamente e criteriosamente decididos seus lugares para serem funcionais dentro desta máquina que alimenta o aparato de guerra do Eixo. É um paradoxo que vive quem luta para sobreviver no Campo: manter-se vivo trabalhando, mas alimentando a produção dos seus opressores, ou se rebelar e adiantar o processo da morte seja pela opressão dos agentes da SS ou por doenças conseguidas no campo; inevitavelmente só poderá sobreviver e não viver realmente, e ainda essa sobrevivência não será minimamente prazerosa, mas sim sofrível de modo a estar cada dia mais próximo da morte a cada dia que se mantém presente no Campo trabalhando.

Apesar de que os indivíduos que se encontram no campo sejam desconectados de suas vidas anteriores a chegada neste local que os oprime, é minimamente curioso que mesmo assim para tal ação é estabelecida uma ordem burocrática e regida por certas leis, definidas à risca por quem comanda o Campo e tendo adjacências de regras morais feitas pelos mesmos e por indivíduos que se veem também neste local de finalidade mórbida, ou seja, existem regras de convivência sejam impostas pelos SS ou pelos escravos do campo. A ordem hierárquica tende a ser simples inicialmente, podendo ser traduzida em: SS e prisioneiros independente de classe, origem ou etnia; no entanto se apresenta com muito mais complexidade para abaixo dos SS, que em qualquer situação dentro do campo são superiores. Os prisioneiros do campo têm três categorias principais, segundo P. Levi, sendo eles: os criminosos, os políticos e os judeus de qualquer nacionalidade; e essa classificação leva em conta a experiência exposta no livro de

²² Esse momento mostra totalmente que estão perdidos e sem saber quais são os próximos passos a acontecer, já que foram postos em uma sala vazia, só com homens, longe das mulheres e crianças, logo mais sem suas peças de roupa, e depois seriam nomeados com números de matrícula, como é posto por P. Levi mais adiante no texto. (LEVI, Primo. **É Isto um Homem?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2013. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.)

P. Levi, mas em outros campos outros indivíduos étnicos se viam presentes, como ciganos e prisioneiros de guerra ingleses, francês ou outras nacionalidades. Dentro dessa ordem construída pelos Nazistas no campo, os indivíduos eram numerados, para manter um registro para situações como escolha para certos trabalhos ou as seleções para extermínio nas câmaras de gás, e classificados por meio de suas roupas e símbolos:

*(...) Todos vestem roupa listrada, todos são 'Häftlinge', mas os criminosos levam ao lado do número, costurado no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho; os judeus, que formam a grande maioria, levam a Estrela de David, vermelha e amarela. (...)*²³ (p.19, LEVI, 1947)

Assim, são definidos quem são os indivíduos presentes no Campo, a partir de P. Levi, sendo os triângulos verdes os mais proeminentes dentro do campo de algum modo, pois estes não são etnicamente ou socialmente inimigos dos comandantes do campo portanto podendo se tornar líderes de grupos de trabalhos os *Kommandos*, os chamados *Kapos*, tendo em algum nível privilégios sobre os outros, seja este uma parcela maior da Sopa ao final do dia ou período menor em um grupo de trabalho, ou até liderar um grupo de trabalho mais fácil, sendo eles portanto os chefes dos outros indivíduos do campo, mesmo com a presença de SS, executando as ordens e regras do Campo, o que inclui a punição física. Há ainda as divisões de trabalho especializadas, podendo ser de médicos, ferreiros, alfaiates, marceneiros ou químicos, como foi o caso de Primo Levi, isto também dava em algum nível privilégios aos residentes do Campo, podendo ser momentâneo ou longínquo, caso o trabalho fosse bastante aproveitado ou se mantiverem saudáveis durante o mesmo.

A divisão mais enigmática de dentro do Campo não era entre os criminosos, políticos ou judeus, muito menos entre as nacionalidades diversas

²³ Esta é a maneira como se classificavam os "hóspedes" do campo segundo Primo Levi, sendo que prisioneiros de guerra aparentemente não passavam por esse mesmo ritual, a menos que fossem colocados junto dos criminosos, que poderiam ser de qualquer grupo étnico ou país, menos judeus. (LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2013. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.)

como gregos, franceses ou italianos; É marcante a divisão entre os recém-chegados ao campo e os mais antigos dentro do campo, estes podendo estar dentro do Campo a mais de quatro anos ou pouco mais de um ano, sendo dois fatores que definem bem isto: os números de matrícula, quanto mais alto mais recente no Campo; e o comportamento dentro do Campo, quanto mais esperançoso e questionador sobre o futuro mais recente ele é. *Somos novatos, nada temos, nada sabemos; para que perder tempo conosco?* (p.17, LEVI, 1947). Esta era a maneira de pensamento dos antigos dentro do Campo, pois suas vidas se viam entregues naquilo em que estavam afundados, na presença no Campo, já que isso não era mais vida.

A consciência de não estar mais em casa, na sua terra natal, entre seus familiares e amigos, ou ainda se perceber como um cidadão comum de seu país estavam perdidas apenas nas memórias destes indivíduos, as quais eram dolorosas demais para se manter preso, pois a esperança de um retorno se vê junto a ela e no Campo isso é perigoso. Esse perigo é notório ao ponto de alavancar a queda do ser de inúmeras maneiras, seja morrer de sofrimento na espera de um salvador ou de exaustão ao buscar trabalhar com vigor e garantir sua saída, que seria inexistente.

Não existe espaço para a esperança no Campo, a vontade de sobreviver, a fome, a sede e o cansaço tomam todo e qualquer espaço dentro do campo, ao ponto de que ser acertado com pancadas por falhar em carregar um peso ou demorar demais em alguma função ser mais vantajoso que trabalhar com vigor, por nesse momento o ser não precisar gastar suas energias e incrivelmente se ver no chão para um descanso brutalizado no meio do “expediente”. Tornando visitas à enfermaria, *Kabe*, em oportunidades de descanso maior e refeições igualmente maiores, porém permanecer tempo demais nestes locais poderia também garantir aos indivíduos um progresso mais rápido a morte, seja por infecção e lesões graves, ou por seleções à câmara de gás.

Mesmo com todas as questões ou características de sobrevivência no Campo, citadas anteriormente, é lembrado repetidamente aos cativos do campo a importância da ordem impostas pelos SS, e subsequentemente pelos Kapos, a partir das regras, sendo uma delas incrivelmente disposta de maneira a garantir a ordem não só do local, mas das pessoas quanto a questão da higiene. Sendo muito valorizada e lembrada dentro do campo, por mais que possa ser uma das primeiras

manias da vida normal a se perderem dentro do campo. Faz sentido por estes se verem sem condições de manter uma sanidade da mente e do corpo, por conta das exaustivas horas de trabalho e das escassas horas de descanso e alimentação, que variam com as estações do ano. Portanto as rotinas cotidianas de uma vida normal são perdidas, mesmo que impostas a estes, de modo a ser uma batalha diária em todos os meios do campo: para ir se deitar, banhar-se, ir à latrina, vestir-se, garantir um bom aparato de trabalho, para garantir uma satisfatória porção de sopa no almoço e jantar, e principalmente manter seus pertences consigo a todo momento.

O momento do banho se perde facilmente, pois a lei não escrita do Campo é de que se pode roubar tudo de todos, para melhorar suas condições dentro dele, mas a lei real e rígida não permite tal ação, tanto que é punido o autor da ação de furto ou roubo. O mercado interno, no entanto, se mantém a partir dos roubos e das trocas, podendo trocar partes de pão por colheres ou porções de sopa por outros objetos necessários ao trabalho com os oficiais e Kapos. Isso não é uma camaradagem ou movimento espontâneo do Campo em prol de um progresso, mas sim maneira de se manter vivo ou ainda de conseguir privilégios, pois cada um ali se vê no limite da própria vida a cada dia, a cada hora, que passa dentro daquele lugar.

É montado, de uma maneira vil e cruel, uma sociedade dentro do Campo, na qual são definidos seus cidadãos pelas forças que comandam o mesmo, e definindo de certa forma suas castas, os criminosos, políticos e judeus, e dentro de cada uma destas os arranjos de trabalho e de troca de mercado, estabelecendo as necessidades específicas desta sociedade a partir dos especialistas e de mercado com a definição de precificação de produtos que se encontram no Campo, o quanto vale meia porção de sopa ou 1/3 de pão ou um trapo sujo que pode virar uma camisa. Tudo é passível de definição dentro do campo, mesmo que pareça inimaginável, inclusive a implementação de uma cultura, que por mais q seja fria e realista, é o que se pode ater pois o consentimento destes cidadãos foi retirado deles a partir do momento que passaram por aquele portal com a emblemática, e macabra, frase.

É uma cultura baseada em se proteger da violência sistemática de todas as formas, e isso inclui fazer parte em algum nível e crescer dentro da sociedade,

mas principalmente se proteger a partir do silêncio, seja silêncio sonoro ou silêncio de consciência, pois quando se parar e pensar demais sobre isso que se vive no Campo parece realmente uma peça teatral de grande loucura e vertiginosa fuga da realidade. Por isso, como apresentada na citação do início do capítulo, percebe-se necessária a afirmação de que isto foi um fato verídico da história contemporânea, e não uma obra literária falsificadora e de horror.

3.2. A Trégua

O autor nesta segunda obra literária mantém os aspectos de testemunho do seu primeiro livro, caracterizando o detalhamento dos fatos que puderam ser lembrados e expostos. O meio sobre o qual ele escreve sofre alterações, saindo dos Campos de Concentração, e passando a se assimilar com um diário de viagem, pois com o fim da guerra, os espaços mudam, novos agentes surgem, mas as dinâmicas sociais se mantêm, visto que eles ainda eram seres dos campos, mesmo no momento que saíam deles. As tropas do exército vermelho que encontraram aquelas figuras pitorescas não sabiam como proceder com elas, da mesma forma que as figuras pitorescas que surgiram por conta do campo, não sabiam como proceder. A doença, a dor e a morte, não era surpresa alguma para os seres que viviam no campo, as ações como camaradagem eram mais incomuns, pela falta de alimentos ou ainda de saúde para poder exercê-la. Levi e outros seres no campo buscavam a dignidade, tratando das doenças, fazendo comida ou ainda limpando os companheiros e a si mesmo; mas o abandono do campo deixou isso impraticável até a chegada soviética.

A chegada soviética ao campo o reativou, porém suas intenções de uso eram totalmente diferentes, pois se pretendia ao resgate e não ao extermínio dos povos judeus, como foi decidido pelos SS que comandavam os campos. Os banhos, as idas para enfermaria e as horas de se alimentar, ganhavam um novo sentido para aqueles que sofriam em cada um desses momentos, e com o abandono dos campos, esses momentos eram raros, mesmo que se fizessem em mínima proporção. A saída do campo por parte dos judeus e outros cativos, ainda levaria algumas semanas, visto que as tropas soviéticas precisavam garantir que todos ali pudessem ser retirados, principalmente saudáveis, sabendo mais tarde

que esta viagem para o leste europeu seria feita a pé pelos residentes dos campos de concentração, enquanto parte do comboio russo estaria em carros ou cavalos.

É possível notar que o autor no seu segundo testemunho se prende mais no registro dos acontecimentos, de modo a trazer uma continuidade para o livro anterior, mas ainda sim as dinâmicas sociais que se mantinham e se criaram seguiram fazendo parte da sua escrita. Os russos não impuseram qualquer rigor com a sua chegada, até o momento da evasão, dando apenas suportes para que suas dinâmicas ocorressem e conseguissem seguir com o projeto de sair daquele “purgatório”. Mas esses chegam com percepções e atitudes que são agregadas pelos seres do campo, de modo a valorizar a nova relação que se apresentava proveitosa. Visto que os cativos não poderiam esperar muito mais dos russos, por conta de suas experiências anteriores do campo, a esperança que eles apresentavam era mutável e variável a cada nova medida e dinâmica que lhes era apresentada.

(...) A liberdade, a improvável, impossível liberdade tão distante de Auschwitz, que apenas nos sonhos ousávamos imaginar chegara: mas sob a forma de uma impiedosa planície deserta. Esperavam por nós outras provas, outras fadigas, outras fomes, outros gelos, outros medos. (p.27 , LEVI, 1947)

As mudanças de campos para o resgate e busca de outros sobreviventes, mostraram-se uma nova dinâmica que fazia com que a liberdade se aproxime daqueles que foram privados dela, esta era feita parte por caminhada e outra parte via trem, que ficaram cheios quase como nas chegadas aos campos, porém as mortes não ocorriam na mesma proporção, pois aqueles que faleceram nesse momento já estavam debilitados demais para as viagens durante o inverno. Os blocos dos trens, revisitaram para Levi, uma retomada da ordem vivida no campo, sem os abusos e noção da morte iminente, na qual as pessoas estavam buscando trabalhar, retomando uma dignidade e uma forma de sustento, pois no caminho os negócios de troca de alimentos por roupas, e vice-versa, mantiveram-se em alternância com as comunidades que passavam. As trocas mostravam-se proveitosas pelos materiais que estavam em troca, mas havia regras que não eram

notórias a todo lugar, podendo facilitar ou não elas, uma dessas regras era sobre falar alemão ou não.

Para as proximidades dos campos, que sofreram de uma forma diferente com a guerra, a língua alemã era similar aos soldados que devastaram a europa, mas em muitos casos era a língua mais falada em certas regiões, ou seja, uma ambiguidade assumia papel vital nos momentos de negociação nas trocas, felizmente havia uma linguagem universal, que eram os gestos, ainda sim as chances de insultar o negociante se mantinham tão altas quanto falar em alemão. O medo de quebrar as relações que eram criadas para garantir a sobrevivência dos agora refugiados, vinha das relações que eram fugaz e agressivas nos campos, na qual um fornecedor de sapato ou uma sopa a mais, poderia não mais estar ali no dia seguinte, seja por ter sido levado pelos kapos ou ainda ter percebido que os negócios não eram favoráveis. As doenças também eram um fator que movimentavam essa dinâmica, pois um doente estava disposto a dar mais para poder ficar saudável, mas também poderia perder um negócio por estar com uma febre forte demais, podendo ser substituído em um trabalho que lhe pagasse duas refeições ou na hora de conseguir adquirir uma segunda camisa.

As incertezas vividas por Levi e seus companheiros, que iam e viam durante o momento, mantinham-se grandiosas, porém o medo da morte não era mais eminente como antes; agora o maior medo era de saber se conseguiriam voltar para seus lares, e se os mesmos se encontravam intactos e com suas famílias presentes. No momento que se encontravam no trem, após irem de campo em campo, para agregar mais soldados e sobreviventes à viagem, a única vontade era de chegarem em casa, podendo sobressair a fome e sede, que de maneira infeliz aprenderam a conviver. A viagem de trem não possuía um rumo definido, pois as pessoas que se encontravam nos trens tinham mais nacionalidades diferentes que a própria torre de Babel, tendo o trajeto passado desde parte do território polones, seguindo ao norte na direção das nações que compunham a URSS, em seguida buscando o caminho para o sul deixando os soldados soviéticos dentro de seu território, para nos momentos finais buscar seguir para o oeste europeu, passando pelo norte da Itália, sem antes passar por Hungria e Áustria.

Para chegar nessa viagem final para o lar tiveram que passar por lugares inóspitos, por conta da guerra e esperar por longos períodos, ao ponto de estabelecer aquele mercado de trocas e ofertas de trabalho, a depender da proximidade dos seus acampamentos junto dos russos com uma cidade pequena. Lugares como a Casa Vermelha, que era um edifício avermelhado rodeado por uma planície interminável do leste europeu, traziam para Levi as sensações mais indescritíveis possíveis, podendo questionar mais uma vez se ele estaria vivo, pois chegavam à beira da irrealidade. Esses momentos mostravam-se mais desgastantes por conta da demora que representavam para a volta para casa, tanto que alguns daqueles que estariam tentando voltar dos campos, poderiam desistir e acabar se estabelecendo nas pequenas cidades do leste europeu, usando novos nomes e trabalhos. Nesses momentos em que se alojaram por muito tempo em cidades pequenas, poderia ocorrer de receberem a visitas de grupos teatrais, musicais ou de exibição de filmes das tropas soviéticas, que durante a guerra serviam para garantir o vigor e felicidade das tropas em momentos de pausas; esses grupos também estavam de retorno para suas casas, mas esses tinham a sorte ou prazer de estarem equipados de caminhões com o tanque cheio de gasolina, para poderem tanto passar pelos campos de maneira itinerante e ainda conseguir voltar para sua origem. No caso de Levi e dos outros que o acompanhavam, esse momento de prazer precedeu a viagem de volta que levaria os de trem para suas casas.

Os vagões do trem, imitavam as separações dos blocos dos campos de maneira quase inconsciente, mesmo com os soviéticos terem feito esse arranjo para evitar qualquer conflito entre nações após o fim da guerra dentro do trem. Romenos, italianos, gregos, alemães, poloneses e outros, dependendo da quantidade que representavam se dispunham em grupos unicamente suas nacionalidades, dividindo ou não os vagões. Alguns aproveitavam as paradas para se esquentar nas estações, não muito quentes que os vagões, mas que poderiam ter lamparinas ou tapos em seu interior que poderiam ajudar no aquecimento durante a noite. Após quase um ano desde o fim da guerra, a chegada dos soviéticos, e depois pegar um trem que passava por metade da Europa Oriental, o qual sozinho demorou pouco mais que 1 mês em sua viagem, Levi chegava em Turim em meados de outubro, não sendo mais um Häftlinge,

mas também não se entendia mais como o homem que era antes. Poderia dizer que estava inebriado mais uma vez, vivendo um sonho dentro do sonho, porém essa sensação, que primeiramente ligada ao êxtase de saber que não mais morreria nas mãos dos nazistas ou das doenças adquiridas nos campos, uma hora se tornaria de pavor, pois ao parar e não mais pensar, as ordens do campo voltavam aos seus pensamentos, quase como se ouvisse vividamente os chamados. *É o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem, 'Wstavach'*. (p.164, LEVI, 2010)

O “diário de volta” que Levi escreve na posteridade do acontecido, e de seu segundo livro, não só finaliza sua jornada, mas também evidencia em sua escrita como o trauma ainda estava presente no seu cotidiano, e que transformar isso em Memória parecia como uma forma de externar, mesmo com falhas cronológicas possíveis, e materializar as lembranças que ele viveu com outros agentes que podem ter permanecido calados sobre o ocorrido. O trazer à tona das lembranças de Levi, sobre sua chegada e saída nos campos, e depois o seu retorno, mesmo que eventos trazidos a partir da particularidade do autor, tem o poder se valerem como memória compartilhada, por relatar as origens e acontecimentos de terceiros que estiveram ali, transmitindo para outros terceiros que mesmo longe farão parte do compartilhamento dessa memória.

4. Trauma:

O termo vindo dos meios da área da saúde, incluindo a psicanálise de Freud, Trauma, é muito mais ligado a contemporaneidade, pois é cunhado no século XX, ao se tratar da ideia de uma marca física ou psicológica que se mantém por tempo indeterminado, caso não seja tratado ou cuidado. Para a história o trauma é lido com mais clareza quando testemunhos passam a ser usados na historiografia, para fomentar debates e agregar perspectivas de fatos traumáticos de fato. Com o caso do Holocausto os testemunhos, para além do que foi exposto nos tribunais de Nuremberg, pelos sobreviventes, pelos membros das tropas Aliadas e do Eixo, houveram poucos relatos de maneira que ficassem registrados fora do meio jurídico. Os livros escritos por Primo Levi, passaram a trazer esse registro diarístico, de modo a colocar os presentes durante o

Holocausto que não puderam ter voz, ou não se dispuseram a falar, na história corrente sobre o período, mesmo que por um olhar particular.

A problemática dessa particularidade do trauma, acaba por interferir na ideia de que o mesmo não poderia ser vivido ou compartilhada por mais pessoas, mas quando se entende que um evento da magnitude do Holocausto, que levou a matar mais de 6 milhões de judeus, percebe-se que o trauma pode ter ligações na coletividade. Além de despertar a realidade do ocorrido, mesmo que de maneira desconfortável, é notório que o compartilhamento do trauma, pensando na história, é praticável no campo das ideias, pois não cabe a história reviver um ocorrido de maneira literal, mas de modo a construir debate e evitar qualquer futura aproximação com estes tipos de evento do passado. Pode se dizer que o trauma serviria de aprendizado, porém é um ideário positivista que traça algo assim como inevitável de se repetir por ser um marco histórico. Isso se torna uma falácia quando se percebe certas repetições dentro da história com surgimento de regimes ditatoriais ou momentos de crescimento tecnológico, separados por um período de tempo. Bauman em *a Modernidade e Holocausto*²⁴, passa boa parte do texto provocando essa ideia de que os estudos do passado, principalmente o Holocausto, não evitariam a ocorrência de um similar futuramente, mas que certamente deixaria clara as tendências que a modernidade expõe, mesmo que ela agregue sem medo a violência ao cotidiano.

Para colocar as coisas claramente, há razões para a gente se preocupar, porque sabemos agora que vivemos num tipo de sociedade que tornou possível o Holocausto e que não teve nada que pudesse evitá-lo. Só por essas razões já seria necessário estudar as lições do Holocausto. Tal estudo é muito mais que um tributo à memória de milhões de seres trucidados, muito mais que um acerto de contas com os assassinos e muito mais que a cura das feridas morais ainda abertas das testemunhas passivas e silenciosas. (p.132, BAUMAN, 1998)

A presença do trauma na consolidação dos conhecimentos históricos, não se dá apenas pelos registros físicos, podendo ser lembranças de família que se

²⁴ Zygmunt Bauman no seu texto, *Modernidade e Holocausto*, compreende a percepção que a modernidade e seus avanços foram alguns dos fatores que levaram a ocorrência do Holocausto. A violência se encaixa nos conceitos que foram revolucionados na modernidade, tendo o Holocausto com seu fim maior e singular, que em sua visão não pode ser superado, enquanto a sociedade entender o parametro marcado por esse acontecimento, mas se a sociedade superar esse de alguma forma, a possibilidade da reedição do Holocausto tornaria-se evidente.

perdem gradualmente, ou ainda se modificam, por estarem apenas localizados nas lembranças de quem presenciou o trauma, e que oralmente transmite as lembranças - memórias - do ocorrido, quase como uma lição de moral, que constrói as percepções sociais de quem os ouve. A propagação desses, por conta de sair de um ponto particular, possuem um certo enviesamento, que pode ser ideológico, a depender da ótica sobre o trauma. Ainda sim, é possível mesmo com um inclinação diferente do comum, abarcar ao trauma as noções e visões que se fizeram correntes, abrangendo as possibilidades que os levaram a vivenciar também o mesmo desenrolar. Primo Levi faz isso em suas obras, quando mesmo falando por sua perspectiva, aborda todos os detalhes possíveis sobre algum personagem que o marcou momentaneamente, principalmente se este acabou por ser exterminado pela SS enquanto estava no campo; fornecendo a estes uma voz que não os foi permitida ser projetada, visto que se Levi chegou a viver grandes horrores nos últimos anos de campo, os seus similares que chegaram no início os viveram sem ter a mínima condição da certeza de sobreviver a eles e de posteriormente colocá-los em debate, sendo assim, partindo do que Levi expõe em *Os afogados e sobreviventes*²⁵, é correto afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tateiam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão. (p.14, LEVI, 2014)

Primo Levi ao escrever suas obras testemunhais, usa o trauma como impulso para a construção delas, sendo um dos precursores que transformaram o trauma em produções literárias e, conseqüentemente, culturais, mesmo em certo ponto isso fosse questionável. Adorno²⁶, crítico a esse ponto, traz a ideia de que a produção cultural pode chegar a banalizar as forças que a história mobiliza para garantir que os registros de acontecimentos traumáticos, como o Holocausto, sejam efetivamente relevantes e postos em pauta para debate da sociedade. O compatriota de Levi, ainda sim concorda que as palavras expostas, sem perpetuar um viés que desvaloriza ou deslegitima os testemunhos, são necessárias para se manter o passado vivo durante a elaboração dos seus relatos, utilizando-se das

²⁵Afogados e sobreviventes, escrito por Primo Levi, busca 40 anos depois de escrever “É isto um Homem?” e “A Trégua” revisar suas memórias e questionar as ações dos nazistas que o mantiveram junto de outros judeus, nos campos de concentração, além de tratar de como suas memórias e traumas são vistas por ele, em perspectiva de como o mundo percebe o Holocausto.

²⁶ nota sobre adorno

recordações por meio da repetição delas. Assim, as produções culturais como livros, filmes, peças teatrais e outras, carregam consigo a responsabilidade de expor, mesmo que ficcionalmente, de maneira verdadeira acontecimentos traumatizantes que moldaram e marcaram a história, seja em âmbitos mais particulares ou gerais.

O Trauma apresenta-se portanto como um acontecimento que pode ser vivido por coletivos, e ainda sim possuir noções particulares a depender da perspectiva posta sobre ele, mas ainda sim é com essas visões diferentes que consolida sua existência. Ele também acaba por ser a forma como a memória é consolidada, podendo ser exposta de maneira verdadeira ou remodelada para garantir a predominância de uma ideia. Sendo assim, o Trauma é o que garante a construção de memória, para além das outras formas clássicas de produção histórica, onde os testemunhos e produções se tornam parte da memória em diversas escalas, podendo ir do particular para o geral, de um indivíduo para o restante da sociedade, como uma questão a ser sentida e compartilhada pelo coletivo,

5. Memória:

Um fruto dos acontecimentos e traumas, a Memória é a consolidação destes que permeiam as populações ao longo de eras, podendo ser conduzidos de formas diversas, que podem sofrer com falhas, remodelamentos ou desconexões com a realidade. Na Grécia antiga os exercícios de memória eram traduzidos nos mitos, como na Odisséia; em territórios africanos e nos povos nativos das Américas, as oralidades também perpetuavam a história e a cultura. Na modernidade europeia, os registros textuais começaram a tomar forma, trazendo corpo físico a histórias transmitidas entre povos da região e de outras partes do mundo, de forma categórica e concreta ou de maneira ficcional, construindo uma visão mais fantasiosa da realidade. Com a chegada das novas tecnologias do século XX - o rádio, fotografias e cinematografia - e a nova dinâmica de tempo, deixando os registros mais comuns e abrangentes, incluindo os escritos e artes já conhecidos aos novos meios comunicativos, que registravam por uma nova perspectiva as histórias.

A Memória, que é uma ferramenta fundamental para a história, passava a ter mais caminhos para se manter presente e capturar momentos que causasse comoção ou traumas nas populações, ainda dando espaço a novas vozes que poderiam ser esquecidas ou silenciadas por quem detinha o controle dos registros. As memórias de acontecimentos como o Holocausto, muitas vezes passavam pelo crivo histórico de seus algozes ou de terceiros desconectados com a realidade dos fatos, podendo ter evidências modificadas pela falta de registros ou falseamentos divulgados como verdade, fazendo com que a interpretação dos ocorridos se aproximasse da possibilidade do esquecimento e negação. Por isso, se faz relevante a existência de textos e registros, como os escritos por Levi, que abordam a perspectiva daqueles que são vítimas das ações de seus algozes, mas que ainda sim possuem agência histórica, posto que a presença deles não é algo nulo e passivo, mas que foi condicionado pelo momento, ou por registros falhos ou apagados, a serem percebidos como tal. O referencial do sujeito que Levi representou em seus livros, pretende majoritariamente conceder espaços não fornecidos por autores clássicos, e também busca evitar a possibilidade da negação dos fatos, que por mais que abarque uma memória compartilhada por um grande coletivo, possui uma fragilidade na sua construção, que leva em conta falta de documentação, mesmo que o séc. XX tenha concebido novas maneiras de documentos históricos.

Os diários de Levi, *É Isto Um Homem?* & *A Trégua*, diferentemente das medidas racialistas dos nazistas, que buscavam apagar as figuras como os judeus da história com seus campos de extermínio, trouxe a possibilidade que alguns fossem renascidos ou postos a frente sobre os fatos que lhes cabem, sabendo que as suas agências, mesmo que vítimas do Holocausto, existiam e tiveram relevância histórica, apesar do apagamento feito pelos nazistas, tanto com a deterioração de documentos, que comprovavam suas existências como indivíduos, quanto nos momentos que este eram postos nas câmaras de gás. A materialidade da vida desses indivíduos era perdida, não no momento que morriam, e sim quando adentravam no Lager após incessantes noites em guetos ou dentro de vagões lotados de trem, sendo descaracterizados de suas virtudes humanas primordiais.

Nada mais nos assombra. Parece-nos assistir a alguma peça maluca, dessas onde as bruxas, o Espírito Santo e o Diabo aparecem no palco. Ele fala italiano, mas com dificuldade, com forte sotaque estrangeiro. Faz um longo discurso, é gentil, procura responder a todas as nossas perguntas. (p. 23, LEVI, 1947)

Essa dissociação da percepção da humanidade, construída pelos nazistas, ao colocar os judeus e outros grupos sociais dentro dos campos, poderia considerar o fim da possibilidade da historicidade dos discursos deles, porém é este fato que torna seus testemunhos objetos de análise histórica. O Holocausto, por conta de sua particularidade histórica estabelecida na contemporaneidade, cria novas possibilidades na história que antes não poderiam ser pensadas antes do seu acontecimento, com isso a agência de indivíduos desumanizados passa a ter valor histórico quando estes tem a possibilidade de discursar sobre.

Primo Levi com seus textos, assim como outros registros diversos do período, trabalha o testemunho por perspectivas definidas e carregadas de um trauma, que é parte integrante de uma memória coletiva e compartilhada pelo povo judaico e por outros que estiveram envolvidos, ou ainda por aqueles que alcançaram seus relatos posteriormente como objeto histórico por não serem integralmente parte do processo histórico. A Memória, portanto, ao conquistar espaço como objeto histórico é acompanhado ou até associado por outros grupos, entendendo que estes escalam ao patamar de relevância histórica, no qual relatos particulares e menores mostram percepções que poderiam estar esquecidas, deixando figuras que fazem parte do debate de fora, ou ainda deixando os “no fundo” do baú da História.

6. Considerações Finais:

Ao longo deste trabalho perpassou-se sobre a figura que foi Primo Levi, o que foram suas obras, aqui analisadas, e ainda como estas trabalham conceitos modernos da história, mas relevantes por trazerem perspectivas sobre como a história pode ser formulada e transmitida. Ao perpassar a vida de Levi, para em seguida caminhar para suas obras, entendesse como as relações anteriores aos acontecimentos expostos nas obras ajudaram a fomentar as ações trazidas em seus

relatos, pois estes por mais que particulares e ligados à sobrevivência ao Holocausto e a volta para a Itália dos campos, refletem as abordagens dele com a realidade que era a apresentada a ele. Nas obras, de fato, ele rememora os fatos de maneira testemunhal, consolidando ali as visões e pensamentos que o atingiram nas suas lembranças. Posto que aquele lugar que ele se viu presente quebrava a realidade comum concebendo novos modelos de vida, mesmo que suas vidas estivessem em cheque, mas estas concepções novas e impostas, partiam do mundo que já conheciam, tendo a violência, por exemplo, colocada em outro patamar. Quando Levi coloca essas lembranças e traumas a disposição dos seus textos, ele consolida a proeminência delas, para a sociedade, que poderia identificar naquilo alguma sensação similar, mas não igual, pois não é possível trazer aquele tipo de experiência de maneira idêntica ao presente. Por isso, ela se faz em memória, sabendo que ele não foi o único a experienciar aquilo.

O registro das experiências de Primo, constroem memória, não só por pertencerem ao passado, mas sim por representar de maneira compartilhada, o que outros que não puderam registrar tal acontecimento. A memória construída por Levi com suas obras, permite junto de um entendimento coletivo sobre o que foi o Holocausto, a percepção do cotidiano dos lugares e do tempo deste ocorrido, detalhando não só as violências presenciadas constantemente, mas também as dinâmicas, quase sociais, apresentadas ali. É cabível pensar que pouco seria concebido sobre o Holocausto, caso obras como as de Levi ou outros registros similares não fossem colocados nos debates históricos, ou ainda não fossem registrados por seus autores, posto que o trauma vivido pode não ser voluntariamente exposto, por conta de sua raiz experiencial e momentânea.

A partir das obras, *É Isto um Homem?* e *A Trégua*, de Primo Levi que foram escritas como formas de diários de testemunho, são de relevância para o momento que elas retratam, ainda que partindo de um relato pessoal, pois ajudam na construção da memória coletiva, ou compartilhada, do evento colocando os judeus, vítimas do Holocausto, como figuras que tem voz e presença sobre tal fato. Desse modo, evitando qualquer possibilidade da construção de argumentos que invalidam a veracidade sobre a ocorrência desse momento, mesmo que as memórias não transmitam a completude dos acontecimentos, por conta de esquecimentos, silenciamentos ou apagamentos, elas por suas perspectivas de

relatos de vivências presenciais dos fatos, trazem um novo arcabouço ao debate histórico, que além de olhar de cima do ocorrido, passa o analisar quase que internamente.

Compreensível, então, o uso dessas abordagens da memória e trauma, junto de registros testemunhais similares aos feitos por Primo Levi, pois eles datam, detalham, introduzem novas figuras e conceitos, e até certo ponto, analisam, o que se propõem a expor em seus testemunhos. Conseqüentemente, alimenta mais ainda o debate historiográfico com novos documentos modernos, abrangendo a visão de fatos históricos por outros caminhos e pontos de vistas, que independentemente das origens merecem ser contextualizados e analisados, por colocar os historiadores diretamente aproximados aos fatos por meio dos testemunhos, a despeito destes serem registros físicos, digitais, visuais ou orais.

7. Fontes:

LEVI, Primo. **É Isto um Homem?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2013. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.

_____ ; LUCCHESI, Marco. **A Trégua**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 216 p. Tradução de Marco Lucchesi.

8. Referências Bibliográficas:

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 352 p. Tradução: Roberto Raposo.

_____. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 832 p. Tradução: Roberto Raposo.

ADORNO, T. W. **O que significa elaborar o passado**. In: _____. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 29-50.

_____. **Educação após Auschwitz**. In: Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.

_____. **Dialética Negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. 329 p.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUTINHO, Carlos Nelson. CIDADANIA E MODERNIDADE. **Perspectivas**: Revistas de Ciências Sociais, São Paulo, SP, v. 22, n. 1, p.41-59, maio 1999.

FINCHELSTEIN, Federico. **From Fascism to Populism in History**. Oakland, California, EUA: University Of California Press, 2017. 338 p.

FOUCAULT, Michel. Os Corpos Dóceis. In: _____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 1-304.

FRIEDLANDER, S. **A Alemanha Nazista e os Judeus. Volume I: Os Anos de Perseguição, 1933-1939**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

_____. **A Alemanha Nazista e Os Judeus. Volume II: Os Anos de Extermínio, 1939-1945**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. vol 1. Buenos Aires, Argentina: Prometeo Libros, 2009. 240 p.

_____. **Representing the Holocaust: history, theory, trauma**. Cornell University: Cornell University Press, 1994. 247 p.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEVI, Primo. **A tabela periódica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____; LUCCHESI, Marco. **A Trégua**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 216 p. Tradução de Marco Lucchesi.

_____. **É Isto um Homem?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2013. 176 p. Tradução de Luigi Del Re.

_____. **Os afogados e sobreviventes**. Tradução de Luiz Sérgio Henrique. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008. 560 p. Tradução de Clóvis Marques.

MOSSE, George L.. **The Fascist Revolution: Toward a General Theory of Fascism.** 49763. ed. New York: Howard Fertig, 2000. 252 p.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, A.; _____ (Orgs.). **Catástrofe e representação.** São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **Narrar o Trauma a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** Rio de Janeiro: Psic. Clin. vol. 20, n.1, p.65-82, 2008.

THOMSON, Ian. **Primo Levi: a life.** Nova Iorque, EUA: Metropolitan Books, 2004. 822 p.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria.** Barcelona: Editorial Paidós, 2000.

_____. **Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX.** Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Arx, 2002.

VALLE, Eduardo Garcia. História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi. **Anais do XXvi Simpósio Nacional de História:** ANPUH, São Paulo, Sp, v. 1, n. 1, p.1-13, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891170_ARQUIVO_textocompletoanpuh.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019.

ZUIN, João Carlos Soares. PRIMO LEVI: O ESCRITOR-TESTEMUNHA DE AUSCHWITZ. **Perspectivas**, São Paulo, SP, v. 29, n. 1, p.193-216, jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/38/31>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

_____. SOBRE PRIMO LEVI E OS ESPAÇOS DE EXCEÇÃO NO SÉCULO XX. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, SP, v. 14, n. 27, p.397-421, jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/1945/1583>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

_____. Um Autorretrato de Primo Levi: As raízes literárias da narrativa de Auschwitz. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, CE, v. 44, n. 2, p.216-242, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/852>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

9. Anexos:

CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDI PRIMO LEVI (Itália) (comp.). **Biography: chronology, places.** Chronology, places. 2021. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/biography>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DIÁLOGO sem Fronteira - História, Memória e Trauma - Márcio Seligmann Silva. Campinas, SP: CEA v Unicamp, 2012. (22 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tDpg8E-3qbA>. Acesso em: 26 nov. 2022.

HISTÓRIA E MEMÓRIA | SAULO GOULART. Brasil: Casa do Saber, 2017. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfy55jJhqS8>. Acesso em: 26 nov. 2022.

MEMÓRIA, trauma e testemunho. S.I: Clóvis Gruner, 2020. (22 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uHTh4nAm_ok. Acesso em: 26 nov. 2022.

PRIMO LEVI. 2003. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/biografias/primo-levi.html>. Acesso em: 05 set. 2022.

WALDEN Inversion. 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Walden_inversion. Acesso em: 16 set. 2022.